

Esta tese tem por objetivo analisar de que forma o empreendimento social Bairro da Juventude contribuiu para o desenvolvimento local do Município de Criciúma, SC e região

Orientadora: Prof. Dr^a. Melissa Watanabe

CONTRIBUIÇÕES DO EMPREENDEDORISMO
SOCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL: o caso
do Bairro da Juventude

CARLA SPILLERE BUSARELLO



FAPESC



CAPES

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (UNESC)
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
(UNACSA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO (PPGDS)**

CARLA SPILLERE BUSARELLO

**CONTRIBUIÇÕES DO EMPREENDEDORISMO
SOCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL: o caso
do Bairro da Juventude**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Melissa Watanabe.

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kelly Gianezini.

CRICIÚMA, 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

B976c Busarello, Carla Spillere.

Contribuições do empreendedorismo social para o desenvolvimento local : o caso do Bairro da Juventude / Carla Spillere Busarello ; orientadora: Melissa Watanabe, coorientadora: Kelly Gianezini . – Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2016.

87 p : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, SC, 2016.

1. Empreendedorismo social. 2. Bairro da Juventude – Aspectos sociais. 3. Associações sem fins lucrativos. 4. Ação social. 5. Terceiro Setor. Título.

CDD. 22ª ed.361.763

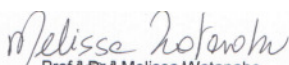
CARLA SPILLERE BUSARELLO

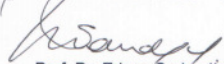
**CONTRIBUIÇÕES DO EMPREENDEDORISMO
SOCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL: o caso
do Bairro da Juventude**

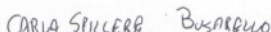
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico na área de Ciências Sociais Aplicadas pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

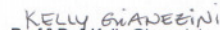
Criciúma, 05 de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Melissa Watanabe
(Presidente e Orientadora – UNESC)


Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka
(Membro – FEI)


CARLA SPILLERE BUSARELLO
Carla Spillere Busarello
(Discente)


KELLY GIANEZINI
Prof.ª Dr.ª Kelly Gianezini
(Coorientadora – UNESC)


Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller
(Membro – UNESC)

Criciúma, 05 de dezembro de 2016.


Prof. Dr. Aldeides Goulart Filho
Coordenador do PPGDS - UNESC

Aos meus pais, Realdino e
Albertina, com todo o meu amor e
gratidão.

AGRADECIMENTOS

Sou completamente grata à Grande Força que move o universo, pois, com a mesma intensidade, moveu e move minha vida e meus sonhos. É Ela quem me conduz pelos caminhos iluminados e que me permite o discernimento necessário para compreender que nada acontece sem um porquê.

Agradeço imensamente à minha orientadora, a quem posso confortavelmente chamar de amiga. Durante este processo de mestrado, Melissa foi orientadora, professora, amiga e por um bocado de vezes ocupou a cadeira de psicóloga. Pacientemente, em todos os momentos, não cansou de me orientar e instruir com sua sabedoria admirável.

Sou grata aos meus pais Realdino e Albertina que, mesmo muitas vezes sem entender, sonharam comigo os meus sonhos, e fizeram tudo o que estivesse ao seu alcance para que eu pudesse ter conforto, qualidade de vida e boa educação. Me incentivaram nos momentos de desânimo, vibraram comigo os momentos de vitória e me apoiaram o tempo todo. Aproveito para agradecer ao Leonardo, parceiro paciente, compreensivo e motivador, que não cessou de me incentivar e acreditar em mim fazendo questão de segurar a minha mão por toda esta caminhada.

Agradeço à minha irmã Camila e meu cunhado Israel, que sempre torceram por mim, mas agradeço principalmente por terem me dado os melhores presentes: a Ana Clara, que chegou logo que entrei no mestrado, e a Isabela, que chegou pouco antes da minha conclusão. Sem dúvidas, a Clarinha e a Isa são a minha maior inspiração.

Sou grata ao GIEES, meu grupo de pesquisa, que caminhou comigo por toda a trajetória deste mestrado. Agradeço principalmente pelos amigos que fiz neste grupo: à Carina minha fiel escudeira; à Mari que se tornou uma amiga para todos os momentos; à Nicole, melhor colega de sala que alguém poderia ter; à Samarinha, nossa mascote, que me enche de orgulho; e, ao Igor, parceiro desde os tempos de iniciação científica e um amigo sem igual! Sou grata também à todos os demais membros do grupo, que de uma forma ou outra contribuíram para meu crescimento.

Agradeço também à minha coorientadora Kelly Gianezini e ao professor Miguelangelo Gianezini. Ambos não mediram esforços para me auxiliar, orientar e aconselhar. Foram docentes que contribuíram muito para a minha formação acadêmica e também humana.

Sou grata aos amigos que o mestrado me deu. Fernanda, Ney, Ricardo, Jana e Fabrizioo, pessoas que tornaram todo este processo mais leve por meio dos cafés na Dona Santina e dos churrascos dos finais de

semana, nossos encontros renderam discussões inimagináveis!

Agradeço ao Bairro da Juventude por abrir as portas para este estudo e me permitir conhecer de perto um trabalho tão nobre. As experiências vivenciadas me transformaram enquanto ser humano, e me fizeram acreditar que as pessoas são boas por natureza.

Sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – FAPESC, que viabilizaram financeiramente este estudo.

Agradeço aos professores Dr. Rafael Rodrigo Mueller e ao Dr. Edson Sadao Iizuka pelas excelentes contribuições na banca de qualificação, e pelo apoio prestado ao longo deste processo de mestrado.

Minha gratidão também à coordenação do PPGDS, professora Giovana e Professor Alcides que sempre deram todo o amparo que precisei. E jamais poderia deixar de mencionar a querida Rose, sempre disposta a ajudar em tudo que estivesse ao seu alcance.

A todos estes, meu muito obrigada!

“Nós temos muita ficção científica. Nós deveríamos escrever ficção social. Imaginar o mundo que queremos e depois construí-lo”.

Muhammad Yunus¹.

¹Economista. Foi laureado com o Nobel da Paz em 2006. Criador dos bancos de microcrédito, com o qual tirou muitas pessoas da situação de vulnerabilidade.

RESUMO

O Governo, as instituições privadas e o terceiro setor, de forma isolada, apresentam dificuldades em resolver problemas sociais que afetam algumas parcelas da população. Isso porque estes problemas são complexos e multifacetados, e necessitam de parcerias com instituições que desde a sua gênese visem à transformação das realidades sociais deficitárias. É para isso que o empreendedorismo social nasceu, visto que é uma temática que emergiu do universo empírico para o universo científico. As discussões sobre empreendedorismo social têm crescido na literatura nas últimas duas décadas, mas se entende que não há uma conceituação clara e objetiva para o termo, dificultando para que o universo empírico reconheça e compreenda um empreendimento social. Ainda assim a sua relevância é inquestionável em meio a uma sociedade capitalista que cada vez mais busca suprir os interesses individuais e acaba por fragilizar as necessidades sociais coletivas, em função do seu objetivo final que é gerar uma transformação social efetiva com resultados duradouros. Neste contexto, esta pesquisa tem por objetivo analisar o Bairro da Juventude à luz das teorias de empreendedorismo social e desenvolvimento local, com o intuito de compreender a forma como a instituição contribui para o desenvolvimento local. O Bairro da Juventude, foi criado na cidade de Criciúma, sul do estado de Santa Catarina (SC) em 1949, por iniciativa do Rotary Clube da região. É uma instituição do terceiro setor, sem fins lucrativos, que presta serviços de assistência social há 65 anos. Para isso, utilizou-se como estratégia de investigação o estudo de caso, com informações coletadas a partir de entrevistas em profundidade com gestores, funcionários, pais e egressos da instituição. A entidade é promotora de transformação social, em função da atenção que dispensa para os casos de vulnerabilidade social que chegam até eles de maneira espontânea, por encaminhamentos do Conselho Tutelar, ou do Ministério Público. Identificou-se que a instituição está consolidada no mercado por meio das redes sociais que detém e da busca que mantém regularmente por novas redes. Percebe-se também, que é promotora de desenvolvimento local por meio das transformações sociais que gera.

Palavras-chave: Terceiro setor. Transformação social. Redes sociais.

ABSTRACT

When acting alone, the government, private institutions and the third sector have difficulties in solving social problems afflicting certain segments of the population. The complexity of the problems makes necessary the union of the cited institutions with other institutions that aim the transformation of precarious social realities. Social entrepreneurship is born from this premise and emerge as a theme of the empirical universe to the scientific universe. Discussions on social entrepreneurship has grown in the literature over the past two decades, but it is understood that there is not a clear and objective conception of the term, making it difficult to the empirical universe recognize and understand the social entrepreneurship. In a capitalist society where the individual interests sometimes overrides the collective needs, the relevance of social entrepreneurship remains unquestioned as a means to generate effective social transformation and lasting results. In this context, this research aims to analyze the Bairro da Juventude in the light of social entrepreneurship and local development theories, in order to understand how the institution contributes to the development of the city of Criciúma and region. The Bairro da Juventude is an institution of the third sector, non-profit, which provides social services and was established in the city of Criciúma, in the southern region of the state of Santa Catarina (SC) in 1949 by the initiative of the Rotary Club of the region. In order to achieve results, it was used a case study as a research strategy, with information gathered from interviews with managers, staff, parents and alumni of the institution. The entity is established as a promoter of social transformation, due to the attention that gives to cases of social vulnerability that come to them spontaneously, by referrals from the Child Protection Council, or by the public ministry. In addition, it was identified that the institution is consolidated in the market through their social networks and is promoting local development through social transformations it generates.

Keywords: Third sector. Social transformation. Social networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Universo da pesquisa e localização	27
Figura 2 - Modelo Híbrido ou “dois e meio”	39
Figura 3 - Trajetória histórica do Bairro da Juventude.....	45
Figura 4 - Organograma institucional do Bairro da Juventude	49
Figura 5 - Atividades desenvolvidas pela instituição	51
Figura 6 - Serviços prestados pela instituição	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados	27
Quadro 2 - Trajetória Empreendedora.....	32
Quadro 3 - Transição do conceito de Empreendedorismo Social na literatura mundial	34
Quadro 4 - Definição de Empreendedorismo Social na literatura brasileira.....	36
Quadro 5 - Diferenciação básica: Responsabilidade Social x Negócio Social x Negócio de Impacto Social.....	40
Quadro 6 - Características institucionais.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	25
1.2.1 Objetivo geral	25
1.2.2 Objetivos específicos	25
1.3 METODOLOGIA	25
1.3.1 Procedimentos metodológicos	27
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 BREVE HISTÓRICO DO CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO	29
2.2 EMPREENDEDORISMO SOCIAL	34
2.2.1 Setores da sociedade e setores da economia	37
2.2.2 Distinção entre responsabilidade social, negócio social e negócios de impacto social	39
2.4 DESENVOLVIMENTO LOCAL	41
2.5 REDES SOCIAIS.....	43
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	45
3.1 O BAIRRO DA JUVENTUDE: aspectos históricos.....	45
3.1.1 Perfil institucional	46
3.1.2 Serviços prestados	50
3.2 AS INTERFACES ENTRE REDES SOCIAIS E EMPREENDEDORISMO SOCIAL NO BAIRRO DA JUVENTUDE	53
3.3 BAIRRO DA JUVENTUDE COMO PROMOTOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	57
4 CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	77

1 INTRODUÇÃO

Mundialmente começou a se falar em negócios sociais com a criação do *Gramem Bank* (Banco da Aldeia) em 1983 em Bangladesh, pelo economista Muhammad Yunus. Essa instituição foi fundada devido ao seu inconformismo com a realidade social vigente, em que um grupo de pessoas se mantinha a margem da sociedade, fato que ocorria devido às condições financeiras precárias e pela falta de acesso ao crédito nos bancos tradicionais (YUNUS, 2010). Em 2006 Yunus foi o ganhador do prêmio Nobel da Paz, tanto por ter apresentado esta solução aos necessitados, quanto por decorrência dos resultados positivos do projeto de microcrédito instituído pelo Banco da Aldeia em relação ao esforço para reduzir a pobreza mundial (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2010).

A partir do exemplo de Yunus, o empreendedorismo social começou a ser discutido de fato, com o surgimento da Escola de Inovação Social (*Social Innovation School*) e da Escola de Empreendimentos Sociais (*Social Enterprise School*). A primeira é norte americana, fruto dos trabalhos de Bill Drayton, fundador da Ashoka – organização internacional sem fins lucrativos com foco no empreendedorismo social – no ano de 1980. Desde então para esta escola o empreendedor social é considerado o gerador da mudança social, que por meio da inovação é capaz de revolucionar modelos de negócios a fim de beneficiar pessoas que sofrem algum tipo de exclusão por falta de recursos financeiros. A segunda escola é de origem europeia, e atinge a sua missão social por meio da geração de renda proveniente da gestão administrativa adequada dos empreendimentos sociais, prestando um incentivo generalizado ao uso de ferramentas e ideias de negócios. Para esta escola existem dois objetivos centrais: a) a criação de valor social; e b) administração técnica (DEES, 1998; ASHOKA, 2001; MARTIN; OSBERG, 2007, NICHOLLS, 2008; BACQ; JANESSEN, 2011).

Por se tratar de um tema emergente e de vanguarda na produção científico-acadêmica mundial ganhou notoriedade neste campo apenas em meados da década de 1990. O empreendedorismo social é um termo que ainda carece de definição clara e objetiva, fator que possivelmente explique aquilo que Parente *et al.* (2011) chamam de “inflação conceitual”, ou seja, o termo empreendedorismo social é acompanhado por um excesso de significados, sem ter, portanto, um conceito claro que o defina objetivamente. Mesmo assim alguns autores (DEES, 1998; PARENTE *et al.*, 2011; MARTIN; OSBERG, 2007) concordam que o seu objetivo final precisa ser priorizado, ou seja, é a transformação de

uma realidade social para um determinado grupo cujas necessidades são aparentes.

O empreendedorismo social pode ser considerado uma extensão do empreendedorismo tradicional. Ambos apresentam características que em muito se assemelham, o que os diferenciam de fato é o seu fim, em que o primeiro visa o lucro e o segundo a transformação social (DEES, 1998). Fator que torna legítima a afirmação de que o empreendedorismo social emerge do empreendedorismo tradicional com o objetivo de superar as lacunas sociais que comprometem a qualidade da vida humana. Este objetivo se legitima por meio da criação de um empreendimento de cunho social que pode ser lucrativo ou não lucrativo, oriundo do setor público ou privado. Entretanto é importante ressaltar que todo empreendimento social que visa lucro destina estes excedentes para se retroalimentar e manter suas atividades de forma sustentável. Vale dizer que se um investidor deseja aplicar dinheiro em um empreendimento social, ele não ganhará lucro nesta transição, uma vez que o dinheiro a ser retirado será exatamente igual ao montante monetário investido (YUNUS, 2010).

Borzaga (2012) percebe os empreendimentos sociais como organizações únicas, na qual grupos de pessoas trabalham e coordenam às atividades visando o atendimento das necessidades da sociedade. Corroborando com a discussão, outros autores (COMINI; BARKI; AGUIAR, 2012; KARNANI, 2007; MARQUES; REFIGO; BERGER, 2010; YOUNG; LECY, 2012) também trazem o conceito de empresas sociais, mencionado que estes tipos de instituições objetivam solucionar dilemas sociais com eficiência e desenvolvimento sustentável, aplicando estratégias e critérios de mercado.

Embora os empreendimentos sociais não visem lucro e sim cumprimento de metas voltadas à solução de problemas sociais, eles precisam gerar rentabilidade para a entidade, ou seja, produzir um retorno sobre aquilo que foi, que é, e que será investido. Além disso, o estabelecimento de ligações com empreendimentos que objetivem o lucro, são importantes, visto que os empreendimentos sociais com uma estratégia bem definida são fomentados na maioria das vezes, intelectual e financeiramente por empreendimentos tradicionais (CELLI; GONZÁLEZ, 2010; KARNANI, 2007; PRAHALAD; HART, 2002).

As redes sociais são aliadas para a consolidação de organizações, principalmente as de cunho social, uma vez que as alianças criadas só tendem a fortalecer os processos empresariais. É importante ressaltar que no senso comum ainda se confundem redes sociais e mídias sociais. Neste trabalho adota-se o conceito de redes sociais como um grupo de

organismos independentes que unem suas ideias e seus recursos para o alcance de objetivos e valores comuns (MARTELETO, 2001), e ainda, como “[...] uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto-organizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação” (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005, p. 94). No caso dos empreendimentos sociais esta realidade é ainda mais pontual, uma vez que as relações intra e inter empresas servem para consolidar o empreendimento e permitir que mais pessoas sejam atendidas por um menor custo.

Lopes e Baldi (2009) atentam para a necessidade de diferenciar redes sociais como perspectiva de análise das redes como estrutura de governança, uma vez que esta última não é capaz de gerar desenvolvimento e/ou desempenho econômico, sozinha. Ou seja, é necessário que se tenha uma perspectiva de análise de redes para que se consiga perceber os efeitos políticos causados pelas redes, mas que também se perceba os efeitos gerados em cada um dos atores da rede. Desta forma é possível analisar os ganhos de eficiência de todos os atores envolvidos, além de reconhecer o impacto causado ao desenvolvimento local e as demais transformações que as redes sociais operam.

Estas redes contribuem para a solidificação de empreendimentos sociais, que com o seu objetivo fim alcançado, que seria a transformação social, ocorreria, ainda que indiretamente, um processo de desenvolvimento local. De acordo com Franco (2000) é necessária a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento local, assim os esforços iniciais devem estar pautados simultaneamente no capital social (resolução de conflitos, formação de redes) e, no capital humano, principalmente no empreendedorismo. Conforme Paula (2008), as pessoas que vivem em uma determinada localidade são os responsáveis diretos pelo desenvolvimento desta localidade.

Para que haja um desenvolvimento local sustentável é necessário que os atores assumam suas responsabilidades no processo. É fundamental o ativismo do cidadão para além das atividades cívicas, tornando os seres humanos protagonistas da ação transformadora da sociedade, por meio do pensamento crítico, de avaliação do ambiente e de ação para a mudança (SEN, 2010). À medida que esses indivíduos se comprometem e se interessam pelas mudanças que podem ser ocasionadas, passam a adotar atividades práticas, na identificação de estratégias e avaliação de resultados.

Desta forma o desenvolvimento local é um processo que proporciona não só o crescimento econômico, mas também potencializa

o capital humano, o capital social, o capital empresarial e o capital humano, por meio do dinamismo das vantagens competitivas e comparativas do local (PAULA, 2008).

Porém, há uma dificuldade com relação à mensuração de resultados qualitativos dos empreendimentos sociais, que dificultam o planejamento e a estruturação de indicadores. É possível observar que existe uma lacuna nas pesquisas referentes à estudos da mensuração dos resultados obtidos pelos empreendimentos sociais. Observa-se também a carência de estudos referentes a esses empreendimentos sociais necessitando de pesquisas baseadas em exemplos práticos, em observações e experiências reais (BARBOSA; DIAS; WALCHUTTER, 2014).

Fortalecendo a discussão, Fisher (2011) salienta a importância da realização de estudos que possam revelar a capacidade de empreendimentos sociais em sanar problemas como a miséria e a pobreza, além de trazer a luz a suas contribuições para um desenvolvimento local sustentável. A partir destas lacunas teóricas é possível compreender a relevância desta pesquisa, uma vez que ela se propõe a analisar o desenvolvimento local gerado por um empreendimento social, por meio de um estudo de caso. O Bairro da Juventude, está há mais de 6 décadas atuando como uma instituição de assistência social que tem como objetivo gerar a transformação social por meio da promoção do bem-estar de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

O Bairro da Juventude dos Padres Rogacionistas, foi criado na cidade de Criciúma, Estado de Santa Catarina (SC) em 1949, por iniciativa do Rotary Clube da região. A Instituição foi batizada de Sociedade Criciumense de Apoio aos Necessitados (SCAN) e funcionou como internato até 1975. Atualmente, o Bairro da Juventude pratica ações diversificadas, atendendo aproximadamente 1.500 estudantes, possibilitando o ensino e o acolhimento das crianças e jovens, visando proporcionar aos estudantes a inclusão social, assegurando o exercício da cidadania por intermédio da educação solidária, cultura, esporte e profissionalização (BAIRRO DA JUVENTUDE, 2016).

Dentro deste contexto, com o objetivo de ampliar as reflexões sobre empreendedorismo social e também produzir elementos capazes de contribuir para o aprofundamento teórico da temática, surgem algumas questões norteadoras da pesquisa: Como se dá a gestão de um empreendimento social? As redes sociais contribuem para a consolidação de empresas sociais? Pode um empreendimento social contribuir para a promoção do desenvolvimento local?

Buscando responder estes questionamentos, a presente pesquisa está dividida em outros 3 capítulos, além deste introdutório. O segundo capítulo discute, com base na literatura, as teorias do empreendedorismo social, do desenvolvimento local e das redes sociais; no capítulo três são discutidos os resultados da pesquisa; e, no quarto capítulo, são discutidas as conclusões que emergiram do trabalho.

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

Nesta sessão serão apresentados os objetivos geral e específicos da pesquisa.

1.2.1 Objetivo geral

Analisar de que forma o empreendimento social Bairro da Juventude contribui para o desenvolvimento local do município de Criciúma, SC e região.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Discutir as interfaces entre empreendedorismo social, redes sociais e desenvolvimento local;
- b) Analisar a estrutura da gestão do Bairro da Juventude;
- c) Identificar se há contribuição das redes sociais para a consolidação do Bairro da Juventude;
- d) Identificar e analisar a existência de indícios de que o empreendimento social Bairro da Juventude pode contribuir para o desenvolvimento local.

1.3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza por sua aplicabilidade no ambiente empírico. Sendo de natureza aplicada, uma vez que foi capaz de gerar conhecimentos de aplicação prática (MARCONI; LAKATOS, 2006), com a finalidade de compreender qual é a capacidade de um empreendimento social em contribuir para o desenvolvimento local. Para tanto, o método de pesquisa adotado foi indutivo, uma vez que o objeto empírico é analisado sob a ótica teórica do empreendedorismo social, ou seja, em um primeiro momento foram analisadas as construções teóricas da temática abordada para então emergir

conclusões formais acerca do objeto empírico (FERNANDEZ; BÉRNÍ, 2012).

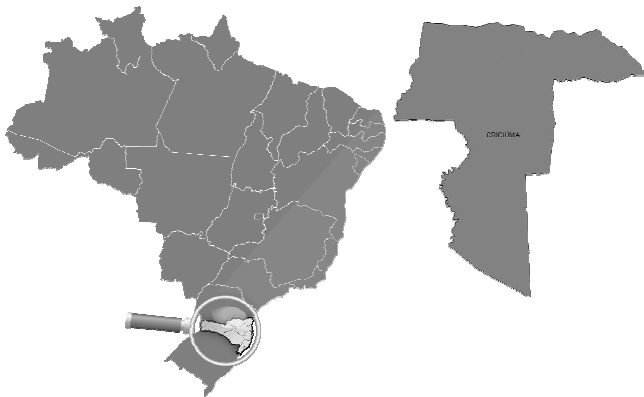
A abordagem se caracteriza como qualitativa, pois ela permite um uso múltiplo de técnicas o que amplia sua capacidade de aplicação e análise mais aprofundada dos distintos dados coletados, a fim de transformar em ciência a realidade empírica estudada (CRESWELL, 2007; POUPART *et al.*, 2008). Tal flexibilidade permite ao pesquisador a liberdade de inserir e/ou modificar as técnicas ao longo do processo de pesquisa conforme necessidades, fator que torna o pesquisador o sujeito e o objeto da própria pesquisa, possibilitando a compreensão de um maior número de detalhes (REY, 2010).

Os objetivos da pesquisa são exploratórios e descritivos. Em que a primeira tem a função de tornar o tema mais trivial e explícito, tendo comumente como instrumento de coleta de dados: i) levantamento de dados bibliográficos; ii) entrevistas com *experts* na temática; e, iii) análise de exemplos que permitam a facilidade de assimilação do conhecimento (GIL, 2007). A segunda, por meio de um levantamento de diversas informações, tem a finalidade de descrever os fatos e fenômenos do objeto empírico, como instrumento de coleta de dados, normalmente se faz uso de i) questionários; ii) escalas; e, iii) entrevistas (TRIVIÑOS, 1987).

A estratégia de pesquisa adotada foi o estudo de caso, visto que o objeto empírico é uma instituição de ensino, tendo como desígnio compreender de forma mais aprofundada quais são as contribuições desta instituição para o desenvolvimento socioeconômico regional, a partir de suas características únicas e essenciais (FONSECA, 2002). Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas entrevistas em profundidade com coleta de dados, análise bibliográfica e documental (GIL, 2007).

Para uma melhor compreensão, a Figura 1 ilustra o universo e a localização da pesquisa, a qual ocorreu no município de Criciúma, Estado de Santa Catarina.

Figura 1 - Universo da pesquisa e localização



Fonte: Elaboração própria.

1.3.1 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi iniciada no site da instituição, o qual apresentou dados importantes que permitiram a configuração do perfil institucional para que o leitor consiga se situar quanto ao tamanho, prestações de serviços e ações do Bairro da Juventude. Em um segundo momento foram realizadas entrevistas em profundidade com os gestores da alta direção, com a equipe de gestores do setor psicossocial, com as famílias das crianças assistidas e com os egressos. É importante destacar que foram analisados apenas dois setores da empresa, a alta direção e o setor psicossocial. No total foram entrevistados 8 gestores da instituição, 5 mães e 3 egressos, resultando em 6 horas, 15 minutos e 35 segundos de gravação das entrevistas realizadas. Para uma melhor clareza do perfil dos entrevistados e visando manter o anonimato de cada um deles, o Quadro 5 expõe estas informações de forma resumida.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Nome fictício	Vínculo	Sexo	Tempo de vínculo
---------------	---------	------	------------------

E01	Direção	Masculino	26 anos
E02	Direção	Feminino	35 anos
E03	Coordenação	Feminino	10 anos
E04	Psicóloga	Feminino	3 anos
E05	Psicóloga	Feminino	2 anos
E06	Psicóloga	Feminino	6 anos
E07	Assistente Social	Feminino	11 anos
E08	Mãe e Funcionária	Feminino	26 anos
E09	Mãe e Funcionária	Feminino	8 anos
E10	Mãe	Feminino	10 anos
E11	Egresso	Feminino	7 anos
E12	Egresso	Masculino	9 anos

Fonte: Elaboração própria.

Para a realização das entrevistas foram utilizados cinco roteiros semiestruturados de perguntas abertas que estão disponíveis no apêndice deste trabalho. Em um primeiro momento, os entrevistados foram os funcionários do Bairro da Juventude, que foram escolhidos pela pesquisadora em função do cargo e setor de atuação. Já os entrevistados que compõem o quadro de familiares das crianças assistidas e egressos da instituição, foram escolhidos pelo próprio Bairro da Juventude, que realizou o primeiro contato, e repassou para que a pesquisadora somente agendasse a data e o local das entrevistas.

A partir da pesquisa de campo emergiu uma nova categoria de análise, as redes sociais, que se mostrou importante para o empreendedorismo social, sobretudo para o Bairro da Juventude. A teoria das redes sociais passou, então, a fazer parte desta pesquisa, analisando as suas contribuições para o empreendedorismo social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão discutidas as principais teorias que contextualizam e fundamentam a presente pesquisa. A temática do empreendedorismo social é o elemento central da discussão, entretanto se faz necessária uma breve discussão histórica acerca do conceito de empreendedorismo para uma compreensão maior do tema. Além disso, se discute sobre o papel das redes sociais e sobre o desenvolvimento local.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo social é uma temática que emergiu do empreendedorismo tradicional e, por não ter um conceito claro e preciso, entende-se a importância de se fazer uma breve discussão histórica do conceito de empreendedorismo. Para tanto são abordados autores de distintas áreas do conhecimento, como economia, sociologia e psicologia, que tiveram significativa contribuição na definição do conceito de empreendedorismo. É importante ressaltar que o empreendedorismo sofreu algumas pequenas mudanças, de acordo com o contexto social, até chegar ao entendimento que se tem nos dias atuais.

O termo empreendedorismo é dotado de uma extensa gama de definições. Em termos gerais, pode se dizer que empreender é a capacidade que um determinado sujeito assume de tomar iniciativas, buscar soluções inovadoras e agir motivado por desenvolver soluções econômicas e sociais (SANDRONI, 1994). É possível também considerar o ato de criar um bem ou um serviço dotado de valor econômico ou social, dedicando o tempo e o capital necessários, desenvolvendo estudos e submetendo-se a desgastes psíquicos e sociais para obter como retorno, casualmente, a satisfação pessoal e a independência financeira (HIRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014).

O termo empreendedorismo, atualmente, tem sido discutido tanto no ambiente empírico, como no ambiente científico acadêmico. Portanto é importante evidenciar as discussões que envolveram a temática ao longo do tempo na literatura científica. O termo empreendedorismo surgiu no século XVII, com as discussões do economista Irlandês Richard Cantillon, o qual diferenciou o sujeito detentor do capital – *the capitalist* – do sujeito que assume riscos – *the entrepreneur*

(CANTILLON, 2002²). Posteriormente, no século XVIII, Jean Baptiste Say prestou sua contribuição para a literatura, definindo o empreendedor como o sujeito que movimenta recursos econômicos de uma área de baixa produtividade para outra de maior produtividade e rendimento (SAY, 1983³).

A princípio, o termo empreendedor, remonta à Idade Média e se referia às pessoas que faziam as coisas acontecerem, alguém comprometido com um projeto, geralmente com finalidades de comando nas operações de guerra. Já no século XVIII, a terminologia passou a ser percebida com uma conotação econômica (HOSELITZ, 1951). Então entra em cena o legado de Cantillon (2002), que elege para a palavra *entrepreneur* o significado de empreiteiro ou comerciante aventureiro, neste sentido pode-se dizer que Cantillon, reutilizou a palavra, dando a ela o entendimento de empresário ou homem de negócios. Para o autor, entre ganhos e perdas alguns homens precisavam correr riscos, mas acima de tudo esses homens eram planejadores. De forma abrangente, um exemplo utilizado pelo economista era o dos carregadores de água, que coletavam água do rio Sena em Paris, na França, e revendiam para moradores distantes da cidade (BREWER, 1992).

Say (1983) enfatiza o papel do empreendedor inovador no desenvolvimento do sistema econômico a medida que examina este empreendedor como um dos fatores de produção da época, juntamente com a terra, o trabalho e o capital (MACHADO, 2007). Na obra intitulada *Traité d'Économie Politique* (Tratado de Economia Política), Say conceitua produção como criação de utilidade, e atribui à demanda, a responsabilidade do equilíbrio econômico, enfatizando novamente o papel do indivíduo no processo (SAY, 1983).

No entendimento de Say (1983), o empresário (empreendedor) é responsável pela administração da produção, situado ao centro do processo econômico. Neste sentido o papel do indivíduo era arbitrar as relações entre os produtores e os consumidores. O empresário é percebido como um agente dinâmico, que buscava o equilíbrio financeiro por meio do lucro com as vendas. O autor enfatizou ainda o progresso técnico como um fator que possibilitava o aumento da renda (TAPINOS, 1971).

Joseph Schumpeter (1943⁴), já no século XX, buscou compreender quais eram os fatores capazes de gerar a transformação no

²Obra originalmente publicada em 1755.

³Obra originalmente publicada em 1803.

⁴Obra originalmente publicada em 1911.

capitalismo, construindo sua vertente teórica em um viés exclusivamente econômico, de forma que não tenha buscado fatos externos à economia para explicar seu desenvolvimento (LÓPEZ-RUIZ, 2007). O autor, então, passou a defender que o empreendedor é o principal agente do processo de mudanças sociais e econômicas (SANTIAGO, 2009). Schumpeter, por sua vez, entendeu como sujeito econômico aquele que era capaz de: i) aliar capital e trabalho como fatores de produção de forma harmônica; ii) prever constantes criações de produtos e serviços; e, iii) descobrir fontes de matérias primas e estabelecer formas de organização (SANTIAGO, 2009). O sujeito empreendedor em Schumpeter (1943) se diferencia em muito dos empreendedores característicos da administração moderna, principalmente porque o autor entende que empreender é, sobretudo, o ato de inovar (MARTES, 2010).

No início do século XX o economista responsabilizou o empreendedor como o principal agente gerador de transformações sociais e econômicas. Foi a partir destas discussões que os estudiosos passaram a enxergar o empreendedor como um sujeito que busca alcançar o desenvolvimento social e local, por meio da inovação nos padrões de produção até então conhecidos. Ou seja, este sujeito passou a ser visto como aquele que toma uma iniciativa para mudar os padrões de tecnologias e as demandas da economia para iniciar um ciclo essencial de desenvolvimento (SANTIAGO, 2009). Schumpeter (1988) entende que o desenvolvimento de um determinado local, estado ou país, não pode ser analisado apenas sob a ótica da economia, mas que pode ser mensurado a partir de um desequilíbrio. Para o autor este desequilíbrio se dá pela alteração heterogênea dos canais de fluxo, deslocando eternamente o equilíbrio que estava posto. Desta forma atribui-se à inovação a causa desta perturbação nos canais, e ao empreendedor atribui-se a capacidade de encontrar oportunidades de inovação, cabendo ao empresário a tarefa de executá-las.

No século XX, as discussões sobre empreendedorismo foram marcadas pelos estudos de Drucker (2004), o qual empenhou-se para levantar as características dos empresários inovadores e bem-sucedidos, verificando os atributos em comum entre esses empreendedores bem-sucedidos. O autor salienta que a propensão dos empreendedores bem-sucedidos a correr riscos, é minimizada pelo conhecimento que possuem de causa, eles são capazes de analisar sistematicamente as oportunidades apresentadas pelo mercado, e assim planejar seus métodos de atuação. Na obra *Innovation and Entrepreneurship: practice and principles*, Peter Drucker (1985), refere-se ao empreendedorismo como uma capacidade

do indivíduo de produzir riqueza, por meio da inovação dos recursos existentes. Ele defende que o empreendedor desenvolve comportamentos centrados na inovação, e que a aplicação da administração empreendedora das organizações pode ocorrer em empresas novas ou já existentes. Drucker (1985) salienta ainda que os empreendedores percebem oportunidades que outras pessoas não veem.

Dada a complexidade da temática do empreendedorismo, a psicologia também se trouxe a sua contribuição com as teorias comportamentais, nas quais os indivíduos considerados empreendedores, agem de modo semelhante entre si. O principal teórico neste campo foi David McClelland (1972), um estudioso norte americano da área da psicologia, que dedicou mais de 30 anos de estudos para tentar compreender as atitudes similares entre empreendedores bem-sucedidos de sua época. Seus estudos científicos sugerem que algumas pessoas possuíam comportamentos distintos que as condicionavam a um perfil empreendedor. McClelland (1967) alinhou em seus estudos as semelhanças inerentes aos empreendedores pesquisados, e dentre essas semelhanças encontrou necessidades de realização social, propensão em correr riscos e o dispêndio de esforços extras, dentre outros. Assim, o autor formulou uma teoria composta por três conjuntos distintos, nos quais ações específicas e individuais eram adotadas pelos indivíduos, e essas ações eram determinantes para o sucesso ou insucesso de suas operações. Os três conjuntos foram denominados de: realização; planejamento; e poder. Em cada um desses conjuntos havia o desenvolvimento de atividades chave para que os empreendedores pudessem atingir seus objetivos.

No Quadro 1 estão expostas de maneira sintética a concepção sobre o sujeito empreendedor de cada um dos autores abordados até o momento.

Quadro 2 - Trajetória Empreendedora

Autor	Período vivido	Obra	Sobre o empreendedor
Richard Cantillon	1680 – 1734	CANTILLON (2002) Originalmente publicada em 1755	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Entrepreneur</i> sinônimo de empresário; ▪ O sujeito aventureiro, que corria riscos; ▪ Não necessariamente rico; ▪ Sujeito planejador.

Jean Baptiste Say	1767 – 1803	SAY (1983) Originalmente publicada em 1803	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empresário inovador; ▪ Papel importante no sistema de produção; ▪ Possuía visão da utilidade de produtos e da demanda; ▪ Indivíduo central do processo econômico; ▪ Buscava lucros.
Joseph Schumpeter	1883 – 1950	SCHUMPETER (1943) Originalmente publicada em 1911	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Agentes de mudança; ▪ Sujeito capitalista inovador; ▪ Transformação social e econômica; ▪ Identificação de possíveis inovações.
Peter Drucker	1909 – 2005	DRUCKER (1985; 2004)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comportamento Inovador; ▪ Conseguir visualizar falhas de mercado e transformá-las em oportunidades; ▪ Possui visão sistêmica; ▪ E capacidade de gestão.
David McClelland	1917 – 1998	MCCLELLAND (1967; 1972)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comportamento empreendedor; ▪ Teoria das semelhanças inerentes aos empreendedores; ▪ Atitudes individuais.

Fonte: Elaboração Própria.

O entendimento sobre o empreendedor foi se alterando ao longo das décadas, entretanto a característica do sujeito empreendedor como um indivíduo inconformado e que corre atrás da transformação, permanece na tese de cada um dos autores estudados. No final do século XX surge uma nova figura dentro da literatura do empreendedorismo, o empreendedor social, sujeito dotado das mesmas características do empreendedor tradicional, mas com o foco voltado para a transformação da sociedade.

2.2 EMPREENDEDORISMO SOCIAL

O empreendimento social surge a partir do desejo de mudança no cenário social. Oliveira (2008) afirma que o empreendedorismo social se consolida na observação de cenário de vulnerabilidade social, em que se busca oportunidades de criar um empreendimento que possa colaborar para a erradicação da pobreza e demais desigualdades sociais. Dees (1998), por sua vez, enfatiza que para os empreendedores sociais a missão social é a motivação central, uma vez que este empreendedor não tem o lucro como objetivo fim, mas como um meio para sustentar a sua missão de gerar transformação social e criar valor social. Corroborando com o autor, Peredo e McLean (2006) afirmam que o único objetivo fim dos empreendimentos sociais é a transformação de uma realidade social e a identificação dos impactos positivos causados por esta mudança.

Embora com objetivos distintos dos empreendimentos tradicionais, as organizações sociais também elaboram estratégias empresariais e praticam táticas de mercado para conseguirem sustentabilidade financeira e assim cumprirem com sua missão (MAIR, 2011). As práticas de gestão dos empreendimentos sociais se equiparam com as práticas de gestão dos empreendimentos tradicionais, entretanto as instituições sociais têm mais urgência em manter a transparência da gestão, sobretudo a gestão financeira, para provar a sua confiabilidade e conquistar parceiros.

Observa-se que a literatura mundial referente ao empreendedorismo social tem crescido consideravelmente nas últimas décadas, a qual em 2013 apresentou na base de dados *Scopus*, com o descritor “Social Entrepreneur*” um montante de 168 ocorrências e em 2014 haviam 178 ocorrências. Apesar disso, ainda há uma contradição substancial na conceituação do termo empreendedorismo social (WEERAWARDENA; SULLIVANMORT, 2006). Ou seja, o empreendedorismo social é um conceito continuamente emergente, entretanto encontra-se mal definido. Dentro deste contexto, com o intuito de melhor compreender o conceito e suas distintas interpretações, o Quadro 2 expõe alguns dos conceitos de empreendedorismo social que foram apresentados pela literatura mundial ao longo dos anos.

Quadro 3 - Transição do conceito de Empreendedorismo Social na literatura mundial

AUTORES	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL
---------	--------------------------------------

King e Roberts (1987)	Define-se em termos de inovação e liderança características.
Waddock e Post (1991)	Criação ou elaboração de uma organização pública a fim de alterar significativamente o padrão existente de alocação dos recursos públicos escassos.
Campbell (1997)	Promover alianças entre as comunidades a fim de fornecer os produtos ou serviços necessários, visando à criação de lucro para subsidiar as atividades que não conseguem gerar receitas.
Henton et al. (1997)	O empreendedorismo tradicional reconhece oportunidades e mobiliza atores para trabalhar para o bem social.
Leadbeater (1997)	Identificação dos produtos subutilizados, que são colocados em uso para satisfazer as necessidades sociais não atendidas.
Cornwall (1998)	Empreendedores têm responsabilidades sociais para melhorar suas comunidades.
Dees (1998)	Empreendedores sociais tem uma missão social que, associada à gestão empresarial, a inovação e a determinação, conseguem proporcionar benefícios sociais duradouros à população que necessita.
Prabhu (1998)	Organizações empresariais cuja principal missão é a mudança social e o desenvolvimento do seu grupo de clientes.
Wallace (1999)	Empreendedores têm como responsabilidade a melhoria de sua comunidade – derivando da coesão social e política de uma comunidade.
Borins (2000)	Gestores que inovam em organizações do setor público.
Thompson et al. (2000)	Se propõe a adicionar algo novo e diferente com a finalidade de construir capital social – centrado nas medidas tomadas por atores do setor privado.
Canadian Centre for Social Entrepreneurship (2001)	Visa inovar iniciativas de ‘linhas de fundo duplo’ emergentes do setor privado, público e voluntário. A ‘linha de fundo duplo’ refere-se à ênfase colocada na garantia de que o investimento gera retorno em ambas as taxas: econômicas e sociais.
Hibert et al. (2001)	O uso de um comportamento empreendedor para fins sociais e não para objetivos de lucro; ou uma empresa que gera lucros que beneficiam um grupo desfavorecido específico.
Smallbone et al. (2001)	Empresas sociais definidas como empresas competitivas que são privadas e comerciais que

	tem uma finalidade social (incluindo organizações que não visam lucro, sindicatos, ONG's e etc.).
Cook, Doods e Mitchell (2002)	Parceria social entre os setores público e empresarial visando atender as necessidades sociais.
Shaw et al. (2002)	Traz para a solução dos problemas sociais a mesma determinação que os empresários detêm para a geração de riquezas.
SullivanMort et al. (2003)	Procurar e reconhecer oportunidades que facilitem a criação de novas organizações sociais, e também manter as organizações sociais já existentes em contínua inovação.

Fonte: Adaptado de Weerawardena e SullivanMort (2006).

Zahra *et al.* (2009) afirmam que o termo empreendedorismo não possui um consenso claro sobre a sua definição, entretanto unir os termos empreendedorismo e social só aumenta a complexidade quando o objetivo é encontrar um conceito único. O termo é discutido no meio científico-acadêmico há mais de duas décadas, e embora não se tenha um conceito claro e específico percebe-se que o foco do empreendedorismo social é sempre resultar em uma transformação social visando o bem-estar de um ou mais grupos com necessidades urgentes.

Seguindo a mesma linha mestra, o Quadro 3 apresenta quais são os conceitos de empreendedorismo social, até então discutidos dentro da literatura brasileira.

Quadro 4 - Definição de Empreendedorismo Social na literatura brasileira

AUTORES	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL
Oliveira (2004)	O termo surge na década de 1990 como alternativa à redução dos investimentos públicos no setor social. O Empreendedorismo Social tem seu termo em desenvolvimento, porém possui características próprias.
Vale, Wilkinson e Amâncio (2008)	Vertente do empreendedorismo que percebe o empreendedor como um criador de redes. Encara a inovação como sendo a sua 'mola mestra'.
Lima (2010)	É visto como gerador de autonomia no trabalho além de ser uma superação à informalidade, em que o autocontrole e a autogestão são características específicas.

Boszczowski e Teixeira (2012)	Tem por objetivo o desenvolvimento sustentável tendo como cenário os setores social e ambiental. Percebe o empreendedor como um agente propulsor do desenvolvimento econômico, que visa a solução de um problema social ou ambiental.
Sousa e Junior (2013)	É baseado na cooperação e surge como resultado de uma inovação social capaz de solucionar problemas sociais específicos.
Spitzeck, Boechat e Leão (2013)	Surge como uma consciência dentro do universo corporativo, em que o objetivo é satisfazer as necessidades sociais, não só evitando riscos, mas também identificando oportunidades e criando valores sociais.
Casaqui (2014)	É um ator que visa unir duas facetas – o papel do empreendedor e a defesa da “economia social”. Busca lugar no mundo do trabalho.
Kuiumjian, Souza e Sant’anna (2014)	Nasce como alternativa aos problemas sociais, econômicos e ambientais.

Fonte: Elaboração própria.

Os Quadros 2 e 3 reforçam o que Dees (1998) já havia afirmado, que os empreendedores sociais são encarados como atores de transformação econômica e social, podendo ser movidos por diversos fatores que não somente a obtenção de lucros. Para Hervieux *et al.* (2010), apesar de o empreendedorismo social ter distintos conceitos dentro da literatura, é possível encontrar um elo entre eles. Isto é, os empreendimentos sociais têm como missão criar valor social por meio da inovação e organização social e econômica, em que o uso de recursos financeiros escassos é garantia de sustentabilidade.

A discussão teórica apresentada aqui evidencia a falta de clareza no conceito e compreensão da temática empreendedorismo social. As discussões estão pautadas sem a configuração clara de uma natureza jurídica, bem como a colocação dos empreendimentos sociais nos setores da sociedade e da economia. Portanto, na seção a seguir será discutido sobre estes setores e em qual deles um empreendimento social pode se inserir.

2.2.1 Setores da sociedade e setores da economia

Os fatores ligados aos setores da sociedade e aos setores da economia podem causar confusão no entendimento dos conceitos de

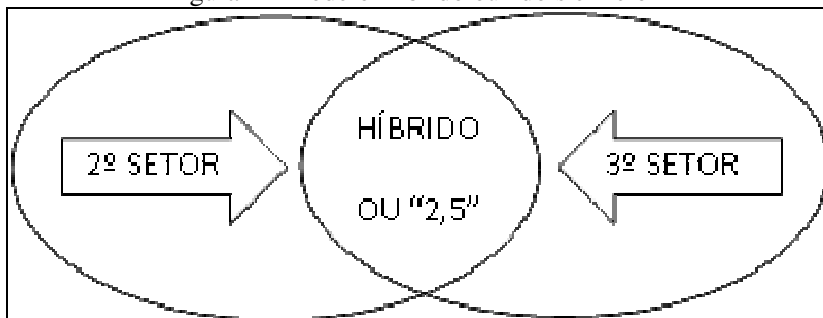
empreendedorismo social, por esse motivo será feita uma breve diferenciação conceitual. Assim, os setores da sociedade são agrupados por i) primeiro setor, que se destinam as atividades do Estado ou do Governo; ii) segundo setor, o qual diz respeito ao mercado, ou seja, as empresas privadas com fins lucrativos; e, iii) terceiro setor, que é representado pelas organizações não governamentais, não econômicas ou associações (TENÓRIO, 2005). Os setores da economia estão relacionados à atividade produtiva em si, divididos em: i) setor primário, que envolve agricultura, pecuária e extrativismo sendo responsável pela matéria prima que irá abastecer a indústria; ii) setor secundário, o qual é responsável pelo processamento de matérias primas, e distribuição de produto acabado; e, iii) setor terciário, destinado à prestação de serviços (FREITAS, 2015).

Conforme Dees (1998), o empreendedorismo social é fruto da ineficiência do poder público e do poder privado em atender certa parcela da população. Para o autor, ser um empreendedor social demanda alto grau de envolvimento com a missão social, como gestão técnica apropriada, alto grau de inovação e determinação. A principal diferença entre o empreendedorismo tradicional e o empreendedorismo social é o motivo para a ação, enquanto o primeiro visa lucro financeiro, o segundo é movido pela missão social, entretanto, ambos surgem da identificação de problemas que necessitam de solução (DEES, EMERSON; ECONOMY, 2002; MARTIN; OSBERG, 2007).

Não é possível generalizar o terceiro setor como um espaço único para empreendimentos sociais, sem que haja uma avaliação específica de cada caso. Empreendedorismo social também não deve ser confundido com filantropia ou caridade, pois estas são ações isoladas e não surtem efeitos duradouros (THE WHARTON SCHOOL, 2005). O empreendedorismo social visa a transformação social em vários campos de atuação, como educação, saúde, meio ambiente e desenvolvimento empresarial.

Um modelo global de apoio e fomento à empreendimentos sociais é a *Schwab Foundation For Social Entrepreneurship* é uma fundação sem fins lucrativos, fundada em 1998, que atua sob a supervisão do Governo Federal Suíço. De acordo com a Schwab (2015) os modelos organizacionais com características de empreendimentos social podem ser: i) organizações sem fins lucrativos; ii) negócios sociais; e iii) modelos híbridos, que estão incluídos entre o segundo e terceiro setores, melhor ilustrado pela Figura 2 (SCHWAB, 2015).

Figura 2 - Modelo Híbrido ou “dois e meio”



Fonte: elaboração própria.

2.2.2 Distinção entre responsabilidade social, negócio social e negócios de impacto social

A responsabilidade social empresarial também não deve ser confundida com empreendedorismo social. Na visão de Oliveira (2004) a responsabilidade social se manifesta em ações internas e externas à empresa. Para Kotler (2000), a responsabilidade social está diretamente ligada às estratégias de marketing do negócio, no qual as organizações equilibram os objetivos da empresa manifestos no lucro dos acionistas, e incluem considerações sociais éticas às suas práticas administrativas. Neste sentido, a responsabilidade social é entendida por Daft (1999, p.88), como “a obrigação da administração de tomar decisões e ações que irão contribuir para o bem-estar dos interesses da sociedade e da organização”. Vale ressaltar que a responsabilidade social empresarial é praticada pelas empresas com foco no fortalecimento da imagem da própria instituição, o que transmite uma boa reputação para os consumidores, ou seja, é uma ferramenta utilizada como um diferencial competitivo e que traz uma boa reputação para a empresa (ASHLEY, COUTINHO; TOMEI 2000).

Quanto aos negócios sociais, na visão de Yunus (2014), é composto por características essenciais: i) superação da pobreza e não maximização de lucros; ii) sustentabilidade econômica e financeira do negócio; iii) retorno do investimento é o próprio valor investido; iv) lucro serve para expansão e melhoria do negócio; v) consciência ambiental; vi) salários de mercado; e, vii) fazer com alegria. A defesa de Yunus (2014) em prol dos negócios sociais, no entanto, é que o lucro proveniente da atividade não seja dividido entre os acionistas, mas sim revertido ao crescimento do próprio negócio.

No Brasil há, ainda, uma corrente teórica que aborda os negócios de impacto social, representada principalmente pela Artemísia, uma organização sem fins lucrativos fundada em 2004 com sedes em São Paulo e Recife. Seu foco principal está na mobilização de pessoas para gerarem negócios sociais, as características de um negócio de impacto social conforme as indicativas da organização são aqueles: i) direcionados à população de baixa renda; ii) possuem missão explícita de causar impacto social; iii) são potencialmente escaláveis, por meio de expansão ou replicação do negócio; iv) são autossustentáveis, não dependem de doações; v) o impacto social precisa ser a atividade principal do negócio; e, vi) o negócio pode ou não distribuir lucros aos acionistas (ARTEMÍSIA, 2015).

O Quadro 4, a partir das discussões postas, apresenta as características dos temas: i) responsabilidade social; ii) negócios sociais; e iii) negócios de impacto social, elencando as principais diferenças entre eles.

Quadro 5 - Diferenciação básica: Responsabilidade Social x Negócio Social x Negócio de Impacto Social

Característica	Responsabilidade Social	Negócio Social	Negócio de Impacto Social
Conceito Central	Estratégia administrativa	Missão social explícita	Missão social inerente ao negócio
Objetivo Principal	Visibilidade da empresa	Transformação social	Transformação social
Lucro	Divisão entre sócios	Expansão do negócio	Expansão do negócio Divisão de lucros entre sócios

Fonte: elaboração própria.

Percebe-se que a responsabilidade social empresarial está posta para atender as estratégias da empresa, tornando visível aos seus consumidores que a empresa se preocupa com questões sociais e ambientais, o foco, no entanto não é o objetivo final do negócio. Tanto os negócios sociais, quanto os negócios de impacto social tem objetivo central na transformação de uma realidade social desfavorável. No que tange a missão da empresa pode-se dizer que os negócios sociais possuem uma missão social explícita, e a divisão dos lucros é totalmente revertida à expansão do próprio empreendimento, já no caso dos

negócios de impacto social é perceptível que empreendedor está envolvido com a missão social que é a prioridade do negócio, porém existe a possibilidade de dividendos entre os sócios do negócio.

2.4 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Para uma correta concepção de desenvolvimento é preciso ir além das concepções de concentração de riqueza, dos índices de rentabilidade estatal e outras variáveis que envolvem a mensuração do capital. Não se exclui o crescimento econômico, mas é preciso observar além dele (SEN, 2010). Entende-se desenvolvimento como algo que transcende as finalidades econômicas, assim, pode ser percebido por meio de algumas variáveis, tais como: a melhoria na qualidade de vida das pessoas que residem em determinado local, e também para as pessoas que futuramente viverão nestes locais (PAULA, 2008).

O desenvolvimento local referenciado por Moura (1998) faz alusão principalmente a uma localidade (região, cidade ou bairro), em que os empreendedores locais agem de modo prático nos âmbitos público e/ou privado, visando potencializar a economia e as condições de vida das pessoas dessas localidades. Para Knoop (1996) as iniciativas locais financiadas pelas pequenas e médias empresas são as principais responsáveis pelo desenvolvimento local de longo prazo, e, destaca ainda o papel da governança pública local.

Alguns elementos fundamentais para construção de um “desenvolvimento social sustentável” são apresentados por Wolfe (1992) enfatizando a aplicação de estratégias administrativas para o enfrentamento de problemas coletivos de uma comunidade. Dessa forma, o autor questiona qual é o tipo de desenvolvimento desejado e destaca a importância de abordar o social, o econômico e o político com a mesma relevância entre si. Certas estratégias de desenvolvimento local são apontadas por Barquero (1993) visando reorganizar o sistema de produção, aumentando vagas de emprego e de oportunidades, por meio da criação de políticas públicas locais.

Nas percepções de Barquero (2001) o desenvolvimento local faz parte de um processo, no qual as potencialidades locais passam a servir de meios para disponibilizar novas oportunidades ou postos de trabalho, assim, transformações internas permitem que haja uma elevação econômica em determinada região. O ideal é que essa elevação econômica seja duradoura, oportunizando vagas de emprego, capacitação de mão de obra entre outros. Para Dowbor (1996), o desenvolvimento local é uma questão que vai além das ações da

administração pública municipal, dependendo de ações práticas e da interação dos setores da sociedade, em benefício de interesses coletivos.

Em relação às abordagens empíricas de desenvolvimento local, Hamel (1990) observou em seus estudos, algumas experiências ocorridas em nível global, separando duas visões básicas, uma de cunho elitizado e outra de cunho social. Na primeira identificaram-se altos níveis de competitividade e alcance de vantagens comparativas buscando melhores posições no mercado mundial, dessa forma é investido em qualificação de mão de obra para manuseio tecnológico, modernização das empresas, atratividade da cidade (paisagem e negócios). Na segunda abordagem, o pensamento vai além de desenvolver negócios rentáveis, buscando acima disto o atendimento das necessidades sociais.

A respeito dos fatores determinantes para alcançar o desenvolvimento local, alguns autores buscam entender as experiências vivenciadas pelos governos municipais de cada região, assim, Dowbor (1996) salienta os esforços desses administradores públicos na elevação de renda das pessoas, por meio da disponibilização de postos de trabalho, analisando-se os interesses coletivos da comunidade. Na mesma linha Pacheco (1993), aponta para a articulação entre governança pública e atores locais, a exemplo disso o autor cita a criação dos distritos industriais, oriundos da década de 1970.

De acordo com as observações de Moura (1998), embora haja limitações estruturais que podem limitar o desenvolvimento local, existem brechas nos modelos de gestão que precisam ser explorados para que o desenvolvimento econômico da região seja possível, neste sentido a autora levanta questões relacionadas à possibilidade de financiamento de projetos, seja pelas finanças públicas locais, por captação de recursos, parcerias, cooperativas, seja outras fontes de fomento, dependendo do tipo de iniciativa a ser implementada. Outro ponto levantado por Moura (1998) remete a transparência das ações e utilização dos recursos.

Segundo Paula (2008), a promoção do desenvolvimento local é resultado do desenvolvimento das variáveis: i) capital humano; ii) capital social; iii) capital empresarial; e, iv) capital natural. O desenvolvimento das relações humanas é potencializado pela qualificação das pessoas e, esse é o chamado capital humano. O mesmo autor aponta ainda a relação do desenvolvimento local ao capital social, percebido neste ponto, como uma forma de cooperação e confiança entre mercados distintos, trata-se da capacidade de participação dos agentes sociais. O outro fator presente no desenvolvimento local está

relacionado ao capital empresarial, aqui percebido como a conduta empreendedora das pessoas, nas palavras do autor é o despertar da cultura empreendedora. E, a respeito do capital natural implica em uma mudança nos padrões de produção e consumo, como por exemplo, reciclagem e uso de energia com maior eficiência. Formando uma rede na qual cada fator depende do outro para se concretizar.

Devido à abrangência e possibilidades pertinentes aos temas relacionados ao desenvolvimento local, Franco (2000) criou uma metodologia conhecida como DLIS (Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável), trata-se de uma estratégia no combate a pobreza e exclusão social de classes sociais menos favorecidas. Acerca da metodologia, Franco (2002) aponta a necessidade de mudança de cultura e política, defendendo que é necessário despertar o empreendedorismo local. Paula (2008) apresenta a necessidade de entender os recortes de: i) local, ii) integrado e, iii) sustentável separadamente. Logo, por “local” entende-se as delimitações físico territoriais, econômicas, etno-culturais, e político territoriais de cada localidade, com relação ao integrado, trata-se de uma articulação entre os fatores locais apresentados. O sustentável surge na tentativa de satisfazer as necessidades atuais sem comprometer a satisfação das necessidades das futuras gerações (PAULA, 2008).

2.5 REDES SOCIAIS

As relações inter empresas são utilizadas no ambiente organizacional, fazendo com que mudanças nas relações das organizações gerem transformações em vários processos, como na gestão da produção, na gestão de logística, dentre outros (OLAVE; AMATO NETO, 2001). Corroborando com a discussão, Castells (2003) afirma que são justamente as convergências entre estas novas tecnologias e a nova lógica organizacional que vem surgindo nos últimos anos, que servem de gatilho para esta nova economia da informação.

O início do reconhecimento destas redes sociais como importante ferramenta organizacional se dá há algumas décadas, ainda que os indivíduos se envolvam em redes desde os primórdios da humanidade (MARTELETO, 2001). Em uma rede social, cada organismo que a integra tem o seu papel e a sua identidade cultural, formando um todo consistente e homogêneo (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005).

As redes sociais estão cada vez mais inseridas na realidade e no cotidiano das pessoas, o que vem a se tornar um processo crescente de utilização deste meio para a comunicação e realização das mais diversas atividades. Hansen (1995), define as redes sociais empreendedoras como redes de relacionamentos que retratam as relações com outras instituições, com grupos de empresas e pessoas. Ressalta-se que estas interações além de dinâmicas estão em constante evolução e crescimento, já que ao longo desta relação os empreendedores tendem a gerar credibilidade.

Borges (2011) afirma que quanto maior a variedade de contatos e redes formados pelo empreendedor, maiores serão as possibilidades de recursos, tais como fontes de fomento em espécies e de capital intelectual, assim como troca de favores entre os que integram as redes. No caso dos empreendimentos sociais, as redes sociais em geral estão ocupando papel de grande relevância no que diz respeito à viabilização dos empreendimentos, contribuindo para o processo de consolidação dessas instituições (SILVA; MOURA; JUNQUEIRA, 2015), além de servir como meio de captação de recursos das mais diversas fontes. Os empreendimentos sociais conseguem, por meio destas redes, divulgar os serviços prestados e as informações sobre as suas ações que colaboram para gerar credibilidade diante da comunidade.

Junqueira (2006) contribui com esta discussão afirmando que as redes sociais são definidas como formas estratégicas das instituições sociais e para elas mesma. Ainda, fortalece a afirmação de que as redes comumente utilizadas pela sociedade são um meio de compartilhamento de informações e conhecimentos entre grupos, pessoas e organizações. Nesta interface há a possibilidade de criar ações de inovação pelas organizações, visando promover a transformação social, onde são compartilhados conhecimentos, informações, experiências e recursos, formando um grande vínculo de solidariedade.

Portanto, a interação entre as redes sociais e o empreendedorismo social é determinante para o processo de geração de novos empreendimentos que buscam a mudança de uma realidade nos âmbitos social e econômico (GREVE; SALAFF, 2003). Logo, as redes sociais colaboram no processo de criação e desenvolvimento dos empreendimentos sociais. Trazendo benefícios, a partir de redes de relacionamento que são constituídas, para a captação de recursos e abertura de fontes de fomento das mais diversas naturezas, contribuindo também para o alcance da credibilidade das instituições sociais a partir da facilidade de transparência dos empreendimentos (BIRLEY, 1985).

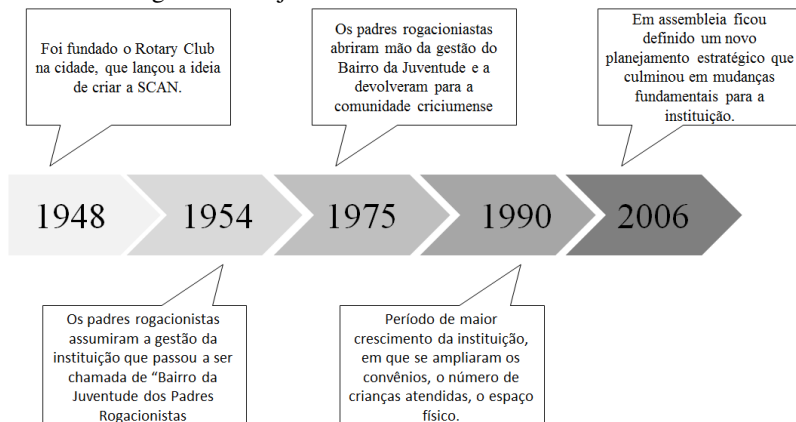
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 O BAIRRO DA JUVENTUDE: ASPECTOS HISTÓRICOS

No final da década de 1940, a cidade de Criciúma se encontrava em crescimento em função do sucesso das mineradoras de carvão que, por consequência, atraía novos moradores para a cidade em busca de trabalho. Entretanto, nem todos os migrantes conseguiram trabalho ou assistência por parte das políticas públicas que desse conta de suas necessidades, fator que culminou em um cenário de crianças mendigando nas ruas. Tal cenário era considerado como “vergonha social” para as classes mais abastadas composta por grandes empresários locais e lideranças comunitárias, que logo se mobilizaram para transformar este cenário (MIRANDA; SELAU, 2003).

No ano de 1948 foi fundado o Rotary Club de Criciúma, que tomou para si a missão de buscar a sanar o problema social encontrado. Portanto, no ano seguinte, em 1949, foi criada a SCAN, inspirada no modelo europeu das casas-lares, em que uma família ganhava uma casa para adotar 10 crianças órfãs. Este modelo não se adaptou muito a realidade brasileira, sobretudo a realidade cricumense, mas serviu para dar início ao projeto e adequá-lo naquilo que futuramente viria a se tornar um modelo de excelência (MIRANDA; SELAU, 2003). A Figura 1 ilustra de maneira sintética a trajetória histórica do Bairro da Juventude.

Figura 3 - Trajetória histórica do Bairro da Juventude



Fonte: Elaboração própria.

Com os altos e baixos da gestão da SCAN, somado a institucionalização da congregação rogacionista na cidade no ano de 1954, o Rotary Club cedeu a gestão do empreendimento para os padres, que logo trocaram o nome da instituição para Bairro da Juventude dos Padres Rogacionistas. Até o ano de 1975 a instituição funcionava como um internato, porém, mais uma vez por dificuldades na gestão, os padres rogacionistas entregaram a gestão do Bairro da Juventude para a sociedade criciumense que deu continuidade aos trabalhos da instituição, mas deixando de ser internato (MIRANDA; SELAU, 2003).

Na década de 1990, embora o contexto nacional fosse de crise econômica, foi o período de maior crescimento da instituição, pois aumentou o número de convênios com a instituição, mais crianças passaram a ser assistidas, a infraestrutura passou por uma reforma de ampliação, além de outras ações criadas e executadas pelo Bairro da Juventude (MIRANDA; SELAU, 2003). O crescimento do Bairro da Juventude neste período pode ser explicado também por uma gestão pública pouco eficiente, uma vez que o município passava por instabilidades econômicas somada ao desmantelamento de grandes empresas locais, o que tornou ainda mais necessária a presença da instituição. Seguindo o fluxo de crescimento, no ano de 2006 a instituição precisou reformular seu planejamento estratégico contando com consultorias voluntárias de professores universitários e empreendedores bem-sucedidos da região, a fim de melhor se posicionar no mercado e alcançar sucesso no processo de captação de recursos para que a instituição seja referência na prestação de serviços para crianças em situação de vulnerabilidade social.

3.1.1 Perfil institucional

Embora o Bairro da Juventude dos Padres Rogacionistas seja uma instituição de assistência social, ela também se configura como um empreendimento social dado o seu impacto na transformação social. Portanto, precisa de uma gestão focada e de excelência para vencer na sua missão de “promover e oportunizar a transformação social, por meio da formação integral e assistência social, com processos educacionais humanizados para crianças, adolescentes, jovens e suas famílias” (BAIRRO DA JUVENTUDE, 2016).

O Bairro [da Juventude] trabalha com a **proteção social básica**. Que é a promoção e a prevenção

para fortalecimento dos vínculos, quando a gente identifica alguma situação de violência aí a gente encaminha, a gente identifica? Identifica. Mas não são todas as crianças que já sofreram algum tipo de violência [...] A gente encaminha, só que o **Bairro não é o órgão de proteção dos direitos violados**, daí temos que encaminhar pro CREAS [Centro de Referência Especializado de Assistência Social], temos que encaminhar pro conselho tutelar. Não podemos tratar estas questões só aqui, internamente (E07, 2016) [Grifo nosso].

É importante analisar a instituição a partir das lentes da gestão, a fim de traçar um perfil prévio da instituição. O Quadro 5 sintetiza algumas das características do Bairro da Juventude.

Quadro 6 - Características institucionais

Nome Fantasia	Bairro da Juventude
Razão Social	Bairro da Juventude dos Padres Rogacionistas
Natureza Jurídica	Entidade sem Fins Econômicos e Lucrativos
Número de Assistidos	1.500
Número Médio de Funcionários	230
Idade dos Assistidos	04 meses a 18 anos
Número médio de Bairros que Atende	83 bairros em Situação de Vulnerabilidade Social
Média do Faturamento Bruto Anual	R\$ 6.500.000,00
Custo Médio por Assistido (ano)	R\$ 4.300,00

Fonte: elaboração própria.

O Bairro da Juventude se enquadra como uma empresa de pequeno porte de acordo com a classificação do BNDES (2016), uma

vez que seu faturamento bruto anual excede a casa dos R\$ 2,4 milhões, valor máximo para se configurar um empreendimento como microempresa, e está abaixo dos R\$ 16 milhões, valor máximo para o enquadramento na categoria. Além da renda bruta anual, a instituição também se configura de pequeno porte dado o número de assistidos, 1.500 jovens com idades entre 04 meses e 18 anos, e também pelo número de funcionários que está na média de 230.

Outro fator de grande relevância é o número de bairros em situação de vulnerabilidade social que a instituição atende no município de Criciúma e de outros municípios próximos. É importante ressaltar que o Bairro da Juventude compreende a vulnerabilidade social nas suas mais diversas faces, por exemplo, se uma criança precisa ficar em casa sozinha mesmo que seja por meio período, em um bairro de vulnerabilidade social, ela está em situação de risco, então, este fator é caracterizado como uma situação de vulnerabilidade que tem a necessidade do atendimento da instituição.

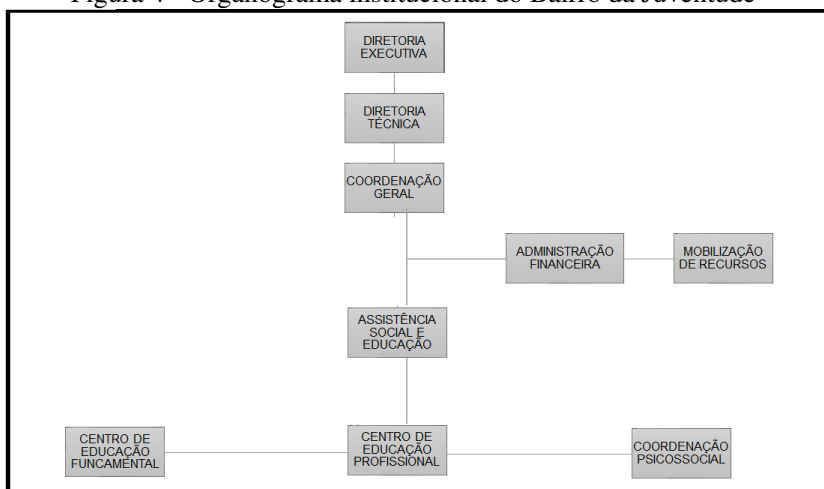
Vulnerabilidade social é quando a **criança está exposta a alguma situação de risco** [...] aí tem a vulnerabilidade econômica que é a questão da renda, e dentro da vulnerabilidade social e pelo Bairro [da Juventude] **atender principalmente os territórios mais vulneráveis**, elas estão expostas a varias situações de riscos, como a situação de uso de droga, a situação de um possível abuso sexual. Isso não significa que elas sofreram, que elas usaram e nem que tem caso na família, mas **estão expostas aquelas situações porque ali nos arredores elas teriam o acesso** (E07, 2016) [Grifo nosso].

Um dos principais serviços prestados pelo Bairro é a educação, entretanto, a escola que está inserida dentro da instituição é municipal, cuja gestão é cedida para o Bairro da Juventude, portanto as contratações de professores são feitas pela prefeitura do município de Criciúma. Esta parceria se dá em função de o Bairro da Juventude ser uma instituição de assistência social e não conseguiria ter os documentos pertinentes para a formação de uma escola própria, bem como da estrutura burocrática necessária para a manutenção de uma escola própria.

Então, visando a excelência na prestação de serviços, no ano de 2003 o organograma foi atualizado e foi retirado um cargo de direção,

deixando apenas dois diretores, afim de otimizar e exercer as atividades com mais efetividade. Atualmente a direção está mais focada na gestão administrativa interna e nas parcerias externas visando a otimização da gestão estratégica para o alcance de vantagem competitiva, e conta com a coordenação geral para fazer a ponte entre direção e funcionamento interno, ou seja, a coordenação geral funciona como uma espécie de olhos para as direções executiva e técnica, já que estes cargos não conseguem dar conta das questões internas, visto a grande demanda de busca por parcerias, captações de recursos, entre outras atividades da alta gestão. A Figura 4 representa uma versão resumida do organograma do Bairro da Juventude.

Figura 4 - Organograma institucional do Bairro da Juventude



Fonte: elaboração própria.

A gestão do Bairro da Juventude é privada com fins públicos, portanto ela precisa trilhar por dois caminhos, 1) focar na captação de recursos, seja por meio de editais abertos, ou por meio de parcerias com outras instituições; e, 2) estruturar a gestão interna definindo o montante de capital necessário para prestar um serviço cada vez melhor. Os dois caminhos visam melhorar o serviço prestado para o jovem e para sua família a fim de potencializar cada vez mais a transformação social, ainda que para isso, a instituição precise estar sempre inovando e crescendo.

O Bairro [da Juventude] tem a missão de fortalecer os vínculos familiares, sempre que a gente pode a gente tá trazendo a família pra cá, conversando sobre a importância dela acompanhar a criança, o adolescente, **porque a gente acredita que isso é o fundamental**. A família tem a sua responsabilidade, da mesma forma que a instituição também tem. A gente sempre tá trabalhando no sentido de dividir responsabilidades [...] Mas, como a gente chama para coisas sérias, a gente também chama para se divertir, para brincar, para uma festa ou outra (E07, 2016) [Grifo nosso].

Atualmente a instituição está passando por outro processo de reestruturação estratégica com apoio de consultoria privada especializada em organizações do terceiro setor. A excelência da gestão do Bairro da Juventude é atribuída ao constante planejamento estratégico pensado, estudado e incorporado por toda a equipe. O grande desafio é ser o pioneiro no Brasil, e possivelmente mundialmente, e ainda manter-se em constante busca e criação de um mercado. O próximo passo é trazer o beneficiado para dentro do conselho deliberativo da instituição, por meio da assembleia.

3.1.2 Serviços prestados

O Bairro da Juventude como um empreendimento social de prestação de assistência social, oferece uma diversidade de atividades para que o jovem fique dentro da instituição por período integral, e possa cursar o ensino básico e desenvolver atividades socioeducativas, além de contar com serviços gratuitos de saúde. As atividades não escolares podem ser desenvolvidas dentro de três grandes grupos, i) laboratórios; ii) assistência social; e, iii) espaço cultural. A Figura 3 dispõe as atividades desenvolvidas por cada um destes grupos.

Figura 5 - Atividades desenvolvidas pela instituição

LABORATÓRIOS	ASSISTÊNCIA SOCIAL	ESPAÇO CULTURAL
<ul style="list-style-type: none"> • Jogos matemáticos • Lúdico • Contação de Histórias • Ciências • Informática • Multicultural • Dança • Comunicação • Alfabetização e Letramento • Artesanato AEE - Atendimento Ensino Especializado • Especializado 	<ul style="list-style-type: none"> • Intervenções • Atendimento • Orientações • Palestras • Mediações Familiares • Atendimentos Individuais • Trabalhos em Grupo • Visitas Domiciliares • Encaminhamento ao Mercado de trabalho • Encaminhamentos à rede socioassistencial • Encaminhamentos às especialidades médicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Biblioteca • Anfiteatro • Espaço multimídia • Sala de cinema

Fonte: elaboração própria.

Estas atividades são desempenhadas no período chamado de contra turno, ou seja, período contrário ao que os jovens realizam as suas atividades escolares. O grande diferencial da instituição é que no início do ano letivo as crianças assistidas recebem um cronograma em branco para que o construam de acordo com as atividades disponíveis de seu interesse, ou seja, cada criança constrói seu próprio horário de contra turno de acordo com as atividades que mais gosta dentro das oficinas culturais e das oficinas esportivas. Os horários são trocados a cada semestre a fim de estimular os alunos e permitir que cada criança frequente o maior número de atividades possíveis, a instituição acredita que estando estruturada desta forma ela contribui para afastar a criança da situação de vulnerabilidade social em que vive, e acaba substituindo o ambiente negativo na vida da criança por um ambiente lúdico, de aprendizado e lazer. Além de que o fato de permitir que a criança construa seu próprio calendário do contra turno contribua para que a criança aprenda a tomar suas próprias decisões e arcar com suas responsabilidades.

O processo de ingresso na instituição para o Centro de Educação Fundamental - CEF se dá em um primeiro momento, por meio da matrícula, então a criança que já estuda na instituição tem prioridade para os próximos anos. Depois deste processo, é computado o número de vagas excedentes, e a assistente social do Bairro da Juventude começa a verificar na lista de espera quais são as situações de vulnerabilidade social e vai dando preferência para os casos em que os impactos sociais negativos na vida da criança são maiores. Embora

exista procura para ingressar na instituição durante todo o ano, as assistentes sociais começam a construir a lista de espera no mês de outubro de cada ano. Entretanto existem as exceções, como o Bairro da Juventude é caracterizado também como uma instituição de assistência social, há casos de crianças que são encaminhadas pelo conselho tutelar do município ou mesmo pelo ministério público, os quais recebem preferência para ingresso na instituição, pois normalmente são casos de vulnerabilidade social grave. A Figura 5 dispõe os serviços prestados no Bairro da Juventude.

Figura 6 - Serviços prestados pela instituição

Serviços	Público	Turno	Área
1-Centro de Educação Infantil Santo Antônio de Pádua	Crianças de 4 meses a 6 anos	Integral	Berçário I - Crianças de até um ano Berçário II - Crianças de um a dois anos Maternal - Crianças de dois a três anos Jardim I - Crianças de três a quatro anos Jardim II - Crianças de quatro a cinco anos Jardim III - Crianças de cinco a seis anos
2-Cursos Profissionalizantes	Jovens e adolescentes de 14 a 18 anos		Mecânica de Automóveis Eletricista de Manutenção Eletroeletrônica Programador de Computador Mecânica Geral Padeiro e Confeiteiro Cozinha Industrial
3-Cursos de Requalificação Profissional	Adultos	Noturno	Ajustagem/Fresagem Mecânica de Automóveis Eleticidade Industrial Eleticidade Predial Soldagem Torneria Programador CNC Automação Elétrica Programador de Computador Pantificação
4-Oficinas culturais e esportivas	Adolescentes de 07 a 14 anos	Horário complementar	Oficinas Esportivas Tênis Comunitário Futebol Masculino Futsal Feminino Futsal Masculino Vida Vôlei Jiu-Jitsu Capoeira Tênis de Mesa Karaté Atleta do Futuro – PAF Xadrez
5-Serviços de apoio	Crianças, adolescentes e jovens	Integral	Saúde Procedimentos preventivos Palestras Distribuição de panfletos

Fonte: elaboração própria.

O CEF está dividido em três outros subgrupos, sendo i) Educação Infantil - atende crianças de 04 meses até 06 anos de idade; ii) Ensino Fundamental I - atende crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental; e, iii) Ensino Fundamental II - atende crianças do sexto ano ao nono ano do ensino fundamental. O Bairro da Juventude não oferece ensino médio, entretanto possui o Centro de Ensino Profissionalizante - CEP, onde oferece serviço profissionalizantes para

jovens a partir dos 14 anos de idade, podendo estes jovens estarem matriculados simultaneamente ao CEF da instituição, ou cursando ensino fundamental ou ainda médio em outra instituição de ensino.

Para o ingresso no CEP, o processo é distinto, uma vez que a instituição mantém parceria com o SENAI e necessita seguir o mesmo processo seletivo, incluindo inclusive a realização de uma prova de seleção. Mesmo assim a política do Bairro da Juventude é priorizar os assistidos que já tem uma caminhada dentro da instituição por meio do CEF, pois acreditam que um jovem que sai com o ensino básico completo, mais o curso profissionalizante e é inserido no mercado de trabalho, é um protagonista da transformação social, pois será capaz de transformar a realidade a qual estava inserido e a realidade também do território que pertence. O Bairro da Juventude compreende que profissionalizar um jovem e incluí-lo no mercado de trabalho é um dos seus maiores desafios, e mantém a sua gestão voltada para obter cada vez mais sucesso neste desafio.

3.2 AS INTERFACES ENTRE REDES SOCIAIS E EMPREENDEDORISMO SOCIAL NO BAIRRO DA JUVENTUDE

O Bairro da Juventude, para a sua consolidação e desenvolvimento, conta com uma rede social extensa, tendo parceiros de diversas naturezas. Como esta pesquisa se propôs a analisar apenas dois setores da instituição, o de gestão e o psicossocial, a análise e discussão das redes sociais focaram nessas áreas, não correspondendo, necessariamente, a todas as redes realizadas e mantidas pela instituição. Desta forma a estratégia segue a lógica de Brown e Duguid (2001) que afirmam que o desenvolvimento não advém de uma visão focalizada no objetivo final, mas sim quando se percebe quem está ao redor e pode encaminhar a organização para um desenvolvimento ainda maior.

Uma grande rede se consolidou entre o Bairro da Juventude e a prefeitura municipal. Sendo o Bairro da Juventude uma instituição de assistência social, não seria possível obter a devida documentação para a formação e manutenção de uma escola própria. A parceria aparece portanto, como parte fundamental da rede social existente, sendo essa a responsável pela capacidade do Bairro da Juventude em oferecer o serviço educacional.

Além desta, o Bairro da Juventude possui uma rede social ampla e conta com uma série de parceiros para que a sua prestação de serviços seja desenvolvida com excelência, com o objetivo de transformar a realidade do maior número de pessoas, conforme relata a E04 (2016):

A gente busca se integrar para oportunizar ao máximo possível, a superação de condições desfavoráveis né? **Talvez a gente não consiga mudar de imediato uma realidade**, mas dá oportunidade de potencializar essa família para a superação dessa condição [...] Até a [nome] fez alguns trabalhos recentes assim, com a rede, bem bacana então a gente busca enquanto setor parcerias com a rede nesse sentido de estar se aliando, de tá expandindo nosso campo de ação. Porque assim, **a gente pode ir até onde o braço alcança, mas se a gente der as mãos a gente vai um pouco mais longe** (E04, 2016) [Grifo nosso].

Por ser uma instituição de assistência social, o Bairro da Juventude zela pelos seus assistidos de uma maneira integrada. Embora as crianças estejam dentro da instituição diariamente, devido à função da escola e das atividades disponibilizadas no contra turno, o Bairro da Juventude, além de prestar o serviço de educação básica e desenvolver atividades socioeducativas, preocupa-se com os problemas psicossociais que a criança e sua família enfrentam, buscando a manutenção da saúde, da seguridade alimentar, entre outras questões que envolvam a segurança e bem-estar de cada criança e seus familiares.

A gente, enquanto setor psicossocial, **busca fazer um trabalho o mais integrado possível**, por exemplo, a gente tem uma família que tem [...] várias gestações, histórico de deficiência, então nós vamos conversar com essa unidade de saúde [do bairro em que a família reside] pra fazer uma orientação pra essa família. A gente já buscou algumas orientações ou até uma laqueadura para aquela mãe, via unidade de saúde; então **a gente acaba expandindo nosso campo de ação enquanto psicólogos e assistentes sociais**, a gente vai indo em busca também da rede. A gente trouxe essas parcerias também (E04, 2016) [Grifo nosso].

O Bairro da Juventude compreende a importância das redes sociais, e mais do que isso, procura por elas. A instituição reconhece que sozinha ela não seria capaz de prestar os serviços que presta, nem tampouco executá-los com a excelência que os executa.

Enquanto instituição, em alguns momentos, se a gente quer dar essa atenção integral, **a gente tem que ter a humildade de entender que a gente precisa dessa rede.** E aí a gente busca através dessa intersetorialidade, essas **ações pra contemplar de forma mais integral possível,** né? Que pode ter um retrato não só aqui dentro, mas que vai ter um retrato do território, por exemplo, parcerias que a gente falou do CRAS, as vezes a gente tem que fazer algumas ações com o CREAS, a gente tem uma aproximação também com o conselho tutelar, a gente já teve que tomar algumas ações junto com o ministério público (E04, 2016) [Grifo nosso].

Como o Bairro da Juventude trabalha com a proteção social básica, faz-se necessário a efetivação de parcerias com os Centros de Referência de Assistência Social - CRAS e com os Centros de Referência Especializados em Assistência Social - CREAS dos municípios que atende, bem como com o Ministério Público e Conselhos Tutelares. Esta parceria é importante para os casos em que a segurança da criança já está comprometida e que precisam de intervenções especializadas. Além destas parcerias que contribuem para manter o bem-estar da criança e seus familiares, a instituição precisa contar com a rede de parceiros que contribuem financeiramente.

Para sustentar financeiramente a sua missão de transformação social, o Bairro da Juventude procura exercer várias outras ações, como campanhas, convênios e parcerias em comunidades. Essas práticas têm como objetivo, sustentar os programas desenvolvidos pelo empreendimento visando o desenvolvimento constante da instituição e a oportunidade de oferecer um serviço de qualidade aos beneficiados. Entre as diversas ações, a campanha "Amigos do Bairro da Juventude" é um movimento em que as empresas utilizam "um selo em produtos e serviços industrializados e/ou comercializados, visando a canalização de recursos, com base no salário mínimo" (BAIRRO DA JUVENTUDE, 2016), que já envolve mais de 100 empresas parceiras.

A maior parte das captações de recursos estão ligadas às empresas. A campanha "Transforme seu débito em Crédito" mobiliza os colaboradores das empresas da região a contribuírem diretamente em benefício do Bairro por meio do débito mensal da doação em sua folha de pagamento. Muito mais que envolver a comunidade e o meio empresarial da região como meio de captação de recursos para a transformação social, o Bairro da Juventude motiva outros países nesta ação. A campanha "Adoção à distância" com o apoio do Congresso Rogacionista permite que cidadãos da Suíça e Itália possam ser padrinhos, contribuindo para o progresso dos programas e atividades desenvolvidas, além de divulgar o trabalho do Bairro fora do próprio país.

O projeto "Esporte e Lazer" oferece as mais variadas modalidades esportivas, como futebol de campo, futsal, vôlei, tênis de campo, tênis de mesa, xadrez e judô, de modo a aproximar cada vez mais o aluno do mundo do esporte, dando a oportunidade de descobrir suas proficiências e suas dificuldades. O projeto atende 200 crianças e adolescentes, com idades entre seis e dezesseis anos. Além da variedade esportiva, o projeto disponibiliza apoio pedagógico, informática, reforço alimentar e oficinas culturais.

Pessoas jurídicas também participam contribuindo "no valor de até 1% do imposto total anual sem qualquer ônus para a empresa, desde que tenha base de cálculo pelo lucro real" (BAIRRO DA JUVENTUDE, 2016). No caso de "pessoas físicas que façam a declaração do imposto de renda na forma completa têm a possibilidade de doar 6% do imposto de renda devido" (BAIRRO DA JUVENTUDE, 2016).

Uma grande parceria entre o Bairro da Juventude e a Nestlé, desde 2012 faz acontecer o programa "Nestlé Nutrir Crianças Saudáveis", com ações que visam a saúde e o bem-estar alimentar das crianças, por meio de orientações sobre alimentação saudável e atendimento direcionado para jovens e crianças que se encontram fora da curva ideal (baixo peso, sobrepeso e obesidade).

Esta ampla rede social, composta por uma gama de parceiros, pode ser explicada por dois fatores: i) o desejo de contribuir com a causa pela qual a instituição empreende; e, ii) a transparência com que a gestão é executada.

Nós temos algumas práticas já de prestação de contas, com todos os parceiros nossos a gente faz. Por exemplo, a gente faz uma feijoada aqui, tem quatro empresas que são nossas parceiras e

patrocinadoras, quando finaliza o evento a gente faz uma prestação de contas, quantos que rendeu, quantas pessoas vieram, que saiu na empresa, que não saiu, entendesse? Então **isso cria uma relação muito transparente e de fidelização também** (E01, 2016) [Grifo nosso].

3.3 BAIRRO DA JUVENTUDE COMO PROMOTOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Compreendendo o desenvolvimento local como a capacidade de elevar economicamente uma dada localidade e por consequência desenvolver o capital humano, social e empresarial visando a sustentabilidade do capital humano (PAULA, 2008), esta seção discute o desenvolvimento local a partir da perspectiva da transformação social utilizando-se dos relatos realizados pelos familiares de crianças assistidas pelo Bairro da Juventude e pelos egressos da instituição. Portanto se fará uso de algumas falas que apareceram na entrevista, a fim perceber de que forma o Bairro da Juventude contribuiu na melhora de vida destas pessoas e quais foram os tipos de melhorias.

No caso da entrevistada 08, mãe de 8 filhos e funcionária da instituição, foi a matrícula dos filhos no Bairro da Juventude que oportunizou um emprego para ela, na própria instituição, conforme relata:

Eu fui até a cozinha pedir um copo d'água, que a encarregada geral na época era a dona [nome], e encontrando com ela, ela perguntou o que eu fazia ali, e eu contei pra ela que tinha trazido meus filhos e que queria um copo d'água pra voltar embora, daí ela me perguntou se eu tava empregada, eu disse não [...] **e já estou trabalhando aqui [Bairro da Juventude] há 26 anos** (E08, 2016) [Grifo nosso].

Ela conheceu o Bairro da Juventude por meio de indicações dos seus vizinhos e, ao levar os filhos para serem matriculados, acabou sendo contratada pela instituição, e atribui a este emprego a melhoria na sua qualidade de vida e de sua família.

Eu sempre digo, **consegui muitas coisas porque eu trabalho aqui [Bairro da Juventude]**, então tenho pouca despesa em casa, né? Então aqui a gente já tem alimentação, então é pouco a despesa que tem em casa. Então eu **consegui comprar um carrinho velho** (E08, 2016) [Grifo nosso].

A entrevistada 09 aponta que o Bairro da Juventude teve papel significativo na formação dos seus filhos, mas também declara que a instituição se preocupa com a criança como um todo, prestando auxílios de saúde nos momentos em que as crianças precisam, e prestam também todo o amparo necessário quando a criança tem necessidade de cuidados que vão além dos educacionais.

Quando eu me separei do pai dos meninos [...] **o meu do meio, ele teve problema porque ele não aceitou a separação** porque era muito agarrado no pai, daí ele teve um começo de depressão. Daí eu tive médico, **o Bairro [da Juventude] encaminhou eu pro médico** que atende as crianças carente daqui, ah! O meu filho melhorou um monte, tomou remedinho tudo certinho, entende? **Que o Bairro [da Juventude] que comprava o remedinho pra ele, nem era eu que comprava.** [...] Teve atendimento da psicóloga aqui e dos médico lá (E09, 2016) [Grifo nosso].

Reforçando a constatação anterior, observa-se que a preocupação da instituição recai, também, sobre as capacidades psicossociais daqueles que por ela são atendidos. O Bairro da Juventude busca colocar as crianças e sua família em contato e sob supervisão e/ou orientação de profissionais de sua rede social.

Ai o Bairro [da Juventude] pra mim é tudo, eu digo assim que é a minha segunda casa em questão de ser os meus olhos, eu não tô vendo, mas eles tão. Tudo que acontece eu sei que tem alguém lá dentro pra orientar, falar, dar um puxão de orelha, mas eles tão lá, sempre tem um e tudo o que acontece eles me passam. [...] **eu não fui embora de Criciúma ainda porque tem o Bairro [da Juventude]**, deixa eles [filhos] terminarem os estudos lá primeiro depois eu vou (E10, 2016) [Grifo nosso].

A instituição funciona, de certa forma, como um grande grupo familiar onde todos têm como objetivo influenciar positivamente a vida dos envolvidos. A entrevistada 10 demonstra grande confiança nos colaboradores formadores do Bairro da Juventude.

Hoje eu sou modelo e foi o Bairro [da Juventude] que me incentivou, eles que falavam pra eu correr atrás. Me colocaram em um curso, então foi bem legal. [...] outra conquista que eu tive no Bairro [da Juventude] foi que a gente foi viajar, foi o primeiro coral de Santa Catarina, eu acho que do Brasil, a conhecer o papa [...] foi uma experiência que eu vou carregar pro resto da minha vida, **fomos pra Itália com tudo pago.** Eu sempre falo também que **o Bairro da Juventude fez quem eu sou, a mulher que eu sou hoje** eu devo ao Bairro da Juventude (E11, 2016) [Grifo nosso].

A instituição, claramente, preocupa-se em fornecer possibilidades para que aqueles por ela atendidos tenham maiores chances no mercado de trabalho. Além disso, através de sua rede social, proporcionam experiências de vida para essas pessoas. Logo, entende-se que o Bairro da Juventude prioriza uma mudança duradoura.

O Bairro [da Juventude] é a minha história, a minha história de vida, fiquei lá até os 17 anos e me deu todo o suporte pra vida. Por ficar lá o dia inteiro **eu não tive tempo nem vontade para as drogas, estas coisas que eu poderia estar vivendo, o Bairro [da Juventude] me livrou, até mesmo pelo acompanhamento social que eles fazem** com as famílias. Tanto que eu tive primos e amigos que não estudavam no Bairro [da Juventude] e infelizmente caíram no caminho errado (E12, 2016) [Grifo nosso].

A entrevistada 12 coloca o Bairro da Juventude como um dos principais fatores para sua construção pessoal, tendo a instituição dado todo o suporte necessário para seu desenvolvimento. O Bairro da Juventude é atuante na prevenção às drogas e os trabalhos que realiza

com aqueles por ela atendidos contribui para que os mesmos permaneçam longe de problemas.

Todos eles [filhos] estão trabalhando. Eu tenho o mais velho que ele continua ainda, no caso, fazendo os trabalhos dele e buscando mais. Ele trabalha na [empresa] [...], então ele estuda na UNESCO porque ele quer mais além do que ele aprendeu no Bairro [da juventude]. **Ele quer mais e ele tá conseguindo aprender mais,** não tem? (E08, 2016) [Grifo nosso].

A entrevistada 09 reafirma a ideia de que a instituição promove mudanças permanentes quando afirma que “[...] como mãe sinto que eles saem preparados (E09, 2016)”. Corroborando com a afirmação, a entrevistada 08 declara que todos os seus filhos estão trabalhando e que, inclusive, o mais velho está buscando aperfeiçoamento profissional por meio de curso superior.

Eu sei que o Bairro [da Juventude] foi a melhor coisa pra mim e pros meus filhos [...]. Eu sinto uma segurança muito boa, assim ó quando eu tava separada, como eu te disse que tava separada, era só eu meus filhos o Bairro [da Juventude] e a minha netinha e **eu me sentia segura mesmo assim, porque eu sabia que tinha o Bairro [da Juventude] pra me apoiar** entende? [...] Eu lembro o que eu vivi quando eu não tava no Bairro [da Juventude] quando meus filhos não tava no Bairro [da Juventude]. Eu vivi momentos muito difícil, e eu sinto a diferença agora, nossa uma diferença muito grande. **Tudo mudou menina, e como mudou [pausa para choro] a gente lembra do que passou, entende? Quando não tava com as crianças no Bairro [da Juventude]** (E09, 2016) [Grifo nosso].

A partir destes relatos é possível perceber o Bairro da Juventude como uma instituição promotora de desenvolvimento local, uma vez que as suas ações para com a criança assistida e seus familiares, resulta em desenvolvimento, fortalecimento e empoderamento do capital humano. Está claro, também pelas falas dos entrevistados, que o auxílio prestado pela instituição não é de caráter assistencial paternalista, mas é prestada

uma assistência que visa o desenvolvimento do capital humano de forma sustentável, fazendo com que cada família que um dia precisou da assistência do Bairro da Juventude, consiga se desenvolver sozinha e não volte a precisar de auxílios de necessidades básicas.

Para Amartya Sen (2010) o desenvolvimento ocorre quando há melhora de vida e diminuição da privação das liberdades dos seres humanos. O autor defende que com a expansão das liberdades os indivíduos se tornam “seres sociais completos”, capazes de interagir e influenciar o mundo em que vivem. Desta forma, compreende-se que quando há o desenvolvimento sustentável do capital social, há também, direta ou indiretamente, o desenvolvimento local, pois estando apto para viver socialmente de forma saudável, este indivíduo se torna novamente um agente das relações econômicas e sociais, deixando de estar as margens deste processo.

4 CONCLUSÃO

Tanto o empreendedorismo social quanto as redes sociais são temáticas relativamente novas na literatura, entretanto, no ambiente empírico elas já existem e se complementam há algumas décadas, é o que indica o objeto de estudo desta pesquisa. Na prática, uma teoria não sobrepõe a outra, são complementares e uma contribui para a consolidação da outra. Por exemplo, o empreendedorismo social, para alcançar a sua missão de transformação social, conta com o auxílio fundamental das redes sociais, que por sua vez, encontram no empreendedorismo social o espaço para a sua consolidação e desenvolvimento.

O Bairro da Juventude, desde sua gênese, mostra como as redes sociais foram importantes para a sua solidificação e permanência no mercado. Na sua formação, o Rotary Club atuou como principal criador de redes para a consolidação do empreendimento, viabilizando o apoio da comunidade e das empresas da região. Ao longo dos anos, para a captação de recursos, as empresas continuaram sendo grandes parceiras na manutenção da instituição. E, nas últimas décadas, as parcerias com outras instituições que prestam serviços semelhantes, bem como com profissionais de saúde, configurou uma importante rede de auxílio para o setor psicossocial.

Ainda que as redes sociais se configurem como fortes aliadas do Bairro da Juventude, para a criação e manutenção destas redes a instituição dispõe de grandes esforços para que seja bem vista e conquiste a confiança dos parceiros. É necessário aparecer regularmente nas mídias locais para mostrar a seriedade e resultados do trabalho realizado, além de precisar participar sempre de eventos de *networking* e visitas às empresas parceiras.

Ainda assim, pode-se compreender que as redes sociais são um instrumento fundamental para a consolidação de empreendimentos sociais, uma vez que encontrar parceiros que auxiliem no alcance do objetivo de uma organização de cunho social, é importante para a excelência da instituição, bem como para a transformação de realidades sociais.

Este estudo evidenciou a importância da gestão eficiente e transparente como um dos importantes direcionadores do sucesso dos empreendimentos sociais. Assim, pode-se dizer que este sucesso do Bairro da Juventude é atrelado a equipe de gestores por estarem sempre preocupados com o seu crescimento, conscientes de que quanto mais a instituição cresce, tanto mais crianças e famílias têm as suas realidades

de vida transformadas. Para isso a equipe de gestores se preocupou em manter uma estrutura organizacional sólida, enxuta e objetiva, em que cada setor está consciente de que a atividade que desempenha é fundamental para manter a qualidade da organização. Além da gestão estratégica muito bem definida, a instituição acredita no trabalho de seus colaboradores e está sempre preocupada em promover treinamentos, pagar cursos para que a sua equipe esteja sempre atenta ao que há de novo no mercado e traga novos resultados para dentro da própria instituição.

Todo esse esforço desempenhado para manter uma gestão eficaz, é visando impactar positivamente a vida dos jovens que vivem em condições de vulnerabilidade social. A presença do Bairro da Juventude na vida destes jovens e conseqüentemente de seus familiares é sinônimo de transformação social, uma vez que oportuniza para a criança uma assistência em tempo integral por meio da educação básica obrigatória e também por meio de atividades lúdicas e socioeducativas que permitem que ela se desenvolva em diversos aspectos, sobretudo tornando-a uma criança mais independente, responsável e pró ativa. Seus pais acabam, indiretamente, também recebendo uma assistência social, uma vez que são cobrados a participar mais ativamente da vida do filho e também podem procurar a instituição caso estejam passando por algum problema que não conseguem solucionar sozinhos.

Esta transformação social gera, por consequência, o desenvolvimento local por três aspectos. Em uma primeira análise, considerando que os pais têm um local seguro para deixar os filhos em período integral e assim podem trabalhar com tranquilidade e segurança. Em consequência a renda familiar permite possíveis compras em comércios locais e/ou regionais, tendendo ao aumento da circulação da moeda e o crescimento do processo de desenvolvimento local. A segunda análise a ser feita é a de que o jovem que cursa o ensino profissionalizante disponibilizado pela instituição, conclui este curso sendo encaminhado para o mercado de trabalho, fator que aumenta a renda familiar e por consequência, o aumento do consumo das famílias, o desenvolvimento local e acarreta em melhoria das condições sociais. Por fim, a terceira análise é a de que quando uma criança é retirada do ambiente de vulnerabilidade social e inserida em um ambiente saudável, onde é ensinada a trilhar por caminhos alheios ao das drogas, violências, entre outros, esta ação contribui em grande medida para que sejam diminuídos os casos de violências, uso de drogas, pobreza extrema e outras situações de fragilidade do bairro e da cidade a qual vive, o que certamente gera cada vez mais o desenvolvimento local.

Um fator limitante é a falta de um indicador capaz de mensurar numericamente os impactos sociais pelo Bairro da Juventude, embora esta pesquisa tenha abordagem qualitativa, trazer dados numéricos capazes de validar as informações contidas no campo, só teria a acrescentar no trabalho. Como recomendação de trabalho futuro, há a possibilidade de estudar a importância do marketing social para a consolidação do Bairro da Juventude, bem como a sua importância no momento da captação de recursos. Outra sugestão, é a análise do desenvolvimento local gerado pelo Bairro da Juventude a partir de dados secundários fornecidos pela prefeitura municipal.

REFERÊNCIAS

- ARTEMÍSIA (Brasil). **Negócios de Impacto Social**. Disponível em: <<http://artemisia.org.br/conteudo/negocios/nosso-conceito.aspx>>. Acesso em: 06 set. 2016.
- ASHLEY, P. A.; COUTINHO, R. B. G.; TOMEI, P. A. Responsabilidade social corporativa e cidadania empresarial: uma análise conceitual comparativa. **Encontro Anual da Anpad**, v. 24, 2000.
- ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; MACKISEY E CIA IND. **Empreendedores sociais sustentáveis**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- BACQ, S.; JANSSEN, F. The multiple faces of social entrepreneurship: a review of definitional issues based on geographical and thematic criteria. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 23, n. 5-6, p. 373-403, 2011.
- BAIRRO DA JUVENTUDE. **Ideologia**. Disponível em: <<http://www.bairrodajuventude.org.br/bairroci/#PG12>>. Acesso em: 07 abr. 2016.
- BARBOSA, A. S.; DIAS, M. R.; WALCHHUTTER, S. Estado da Arte em Empreendedorismo Social: Análise dos Artigos Mais Referenciados Pelos Pesquisadores. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, XVII, 2014, São Paulo. **Sistema Semead**. São Paulo: Anais..., 2014. p. 1 - 16.
- BARQUEIRO, A.V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001. 280 p.
- BARQUERO, A. V. **Política económica local: la respuesta de las ciudades a los desafíos del ajuste productivo**. Madrid: Ediciones Pirámide, 1993.
- BIRLEY, S. The role of networks in the entrepreneurial process. **Journal of Business Venturing**, p. 107-117, 1985.
- BORGES, C. O papel do capital social do empreendedor na criação de empresas tecnológicas. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 162-181, 2011.

- BORINS, S. Loose Cannons and Rule Breakers, or Enterprising Leaders? Some Evidence About Innovative Public Managers. **Public Administration Review**, Toronto, v. 60, n. 6, p.498-507, dez. 1999.
- BORZAGA, C.; DEPEDRI, S.; GALERA, G. (2012). Interpreting social enterprises. **RAUSP-Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 389-409, 2006.
- BOSZCZOWSKI, A. K.; TEIXEIRA, R. M. O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. **Rev. Economia e Gestão**. Minas Gerais, v. 12, n. 29, maio/ago. 2012.
- BREWER, A. **Richard Cantillon: Pioneer of economic theory**. Londres: Routledg, 1992. 210 p.
- CANADIAN CENTRE FOR SOCIAL ENTREPRENEURSHIP (CCSE). **Social Entrepreneurship: Discussion Paper**, Canadá, n. 1. 2001.
- CANTILLON, R. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral (1755)**. Curitiba: Segesta, 2002. 196 p.
- CASAQUI, V. Concepções e significados do empreendedorismo social no Brasil e em Portugal: crise, performance e bem comum. **Revista Observatório**, Palmas, v. 08, n.02, p. 067 – 082, 2014.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 697 p.
- CELLI, J. B.; GONZÁLEZ, R. A. Iniciativas de mercado con sectores de bajos ingresos y generación de valor econômico. In: P. Márquez, E. Reficco, & G. Berger (orgs). **Negocios inclusivos - Iniciativas de mercado con los pobres de Iberoamérica**. Bogotá, Colômbia: Amaral Editores, 2010.
- COMINI, G. M.; BARKI, E.; AGUIAR, L. T. A three-pronged approach to social business: A Brazilian multi-case analysis. **RAUSP-Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 47, p. 385-397, 2012.
- CORNWALL, J. R. The Entrepreneur as a Building Block for Community. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, Nashville, p.141-148, 03 jan. 1998.

- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2007. 923 p.
- DAFT, R. L. **Management**. 4. ed. USA: The Dryden Press, 1999. 722p.
- DEES, J. G. The Meaning of "Social Entrepreneurship". **Kauffman Foundation and Stanford University**, Kansas City, MO and Palo Alto, CA, 1998.
- DEES, J. G.; EMERSON, J.; ECONOMY, P. **Enterprising nonprofits: A toolkit for social entrepreneurs**. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 2002. 352 p.
- DOWBOR, L. A intervenção dos governos locais no processo de desenvolvimento. **Desenvolvimento local. Geração de emprego e renda**. São Paulo: Polis, n. 25, p. 29-44, 1996.
- DRUCKER, P. F. A disciplina da inovação. **Harvard Business Review**, v. 82, n. 8, p. 80-85, 2004.
- DRUCKER, P. F. **Entrepreneurship and innovation: Practice and principles**. New York: Harper Business, 1985. 277 p.
- FERNANDEZ, B. P. M.; BÊRNI, D. A. Os Métodos da Ciência. In: FERNANDEZ, B. P. M.; BÊRNI, D. de A. (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- FISHER, R. M. Empreendedorismo social: apontamentos para um debate. In: Centro Ruth Cardoso (org.). **Políticas sociais: ideias e prática**. São Paulo: Ed. Moderna, 2011. 290 p.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. 127 p.
- FRANCO, A. de. **Pobreza e desenvolvimento local**. Brasília: ARCA, Sociedade do conhecimento, 2002.
- FREITAS, E. de. Brasil Escola. **Setores da economia**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/setores-economia.htm>>. Acesso em: 07 set. 2015.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 143 p.
- GREVE, A.; SALAFF, J. W. Social networks and entrepreneurship. **Entrepreneurship, Theory & Practice**, Wako, n. 28, v. 1, 1-22, 2003.

HAMEL, P. *Developpement Local: une nouvelle culture politique. Espaces Temps*, Lausanne v. 43, n. 1, p. 43-49, 1990.

HANSEN, E. L. Entrepreneurial network and new organization growth. **Entrepreneurship, Theory e Practice**, Wako, n.19, v. 4, 7-19, 1995.

HENTON, D.; MELVILLE, J.; WULESH, K. The Age of the Civic Entrepreneur: Restoring Civil Society and Building Economic Community. **National Civic Review**, San Jose, v. 86, n. 2, 1997.

HIRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. São Paulo: Bookman, 2014. 455 p.

HOSELITZ, B. F. The early history of entrepreneurial theory. **Explorations in Economic History**, v. 3, n. 4, p. 193, 1951.

JUNQUEIRA, L. A. P. A. Organizações sem fins lucrativos e redes sociais na gestão das políticas sociais. In: CAVALCANTI, M. **Gestão social, estratégias e parcerias: redescobrimdo a essência da administração brasileira de comunidades para o terceiro setor**. São Paulo: Saraiva, 2006. 321p.

KARNANI, A. The mirage of marketing at the bottom of the pyramid: How the private sector can help alleviate poverty. **California Management Review**, Berkeley v. 49, n. 4, p. 90-111, 2007.

KING, P. J.; ROBERTS, N. C. Policy Entrepreneurs: Catalysts for Policy Innovation. **Journal of State Government**, Athens, v. 60, n. 4, p. 172-178, 1987.

KNOOP, J. Promoção da Pequena e Média Empresa e a Geração de Empregos: Observações com base nas experiências internacionais. **Desenvolvimento econômico local: temas e abordagens**. Rio de Janeiro: IBM, SERE/FES, p. 27-42, 1996.

KOTLER, P.; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 240 p.

KOTLER, P. **Administração de Marketing**. 10ª edição, São Paulo: Prentice Hall, 2000.

KUYUMJIAN, R.; SOUZA, E. M. de; SANT'ANNA, S. R. de. Uma análise a respeito do desenvolvimento local: o empreendedorismo social no Morro do Jaburu — Vitória (ES), Brasil. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 06, nov./dez. 2014.

LEADBEATER, C. **The rise of the social entrepreneur**. London: Demos, 1997. 87 p.

LIMA, J. C. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Rev. Sociologias**, Porto Alegre, n. 25, p. 158 – 198, set./dez. 2010.

LOPES, F. D.; BALDI, M. Redes como perspectiva de análise e como estrutura de governança: uma análise das diferentes contribuições. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 43, p.1007-1035, set./out. 2009.

LÓPEZ-RUIZ, O. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue, 2007. 319 p.

MACHADO, L. Grandes economistas XVI: Jean-Baptiste Say e a lei dos mercados. **Conselho Federal de Economia**, Brasília, 2007.

MAIR, J. Social Entrepreneurship: Taking Stock and Looking Ahead. **IESE Business School**, Barcelona, v. 888, nov. 2011.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

MARQUES, P.; REFICCO, E.; BERGER, G. **Negócios inclusivos: Iniciativas de mercado con los pobres de Iberoamérica**. Bogotá: Amaral/BID, 2010. 415 p.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MARTES, A. C. B. Weber e Schumpeter: A ação econômica do empreendedor. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p.254-270, abr./jun. 2010.

MARTIN, R. L.; OSBERG, S. Social entrepreneurship: The case for definition. **Stanford social innovation review**, Stanford, v. 5, n. 2, p. 28-39, 2007.

MCCLELLAND, D. C. **Sociedade competitiva**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MCCLELLAND, D. C. **Achieving society**. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1967. 532 p.

- MIRANDA, A. L.; SELAU, M. **Bairro da Juventude: 50 anos de história a filantropia na poeira do carvão.** Criciúma: UNESC, 2003. 129 p.
- MOURA, S. A Gestão do Desenvolvimento Local: Estratégias e Possibilidades de Financiamento. **Organizações & Sociedade**, v. 5, n. 12, p.37-57, maio 1998.
- NICHOLLS, A. **Social Entrepreneurship: New Models of sustainable social change.** New York: Oxford University Press, 2008. 512 p.
- OLAVE, M. E. L.; AMATO NETO, J. REDES DE COOPERAÇÃO PRODUTIVA: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. **Gestão & Produção**, São Paulo, v. 8, n. 3, p.289-303, dez. 2001.
- OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo Social: Da Teoria à Prática, do Sonho à Realidade.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008. 211 p.
- OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo Social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. **Rev. FAE**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 9-18, jul/dez 2004.
- PACHECO, R. Iniciativa econômica local: a experiência do ABC. In: FINGERMANN, H (Org.). **Parceria Público-Privada.** v.2. São Paulo: Summus Editorial, 1993. 240 p.
- PARENTE, C. et al. **Empreendedorismo social: contributos teóricos para sua definição.** In: XIV Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho Emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização, Lisboa, v. 1, 2011.
- PAULA, J. de. **Desenvolvimento Local: Como Fazer?** Brasília: Sebrae, 2008. 56 p.
- PEREDO, A. M.; MCLEAN, M. Social entrepreneurship: A critical review of the concept. **Journal of World Business**, v. 41, p. 56 – 65, 2006.
- POUPART, J.; *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008. 464 p.
- PRAHALAD, C. K.; HART, S. **The fortune at the bottom of the pyramid.** Michigan: Pearson Prentice Hall. 2002. 273 p.
- REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de criação da informação.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

- SANDRONI, P. **Novo Dicionário de Economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.
- SANTIAGO, E. G. Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Shumpeter, Weber E McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 40, n. 2, p.87-103, maio 2009.
- SAY, J. B. **Tratado de economia política**. São Paulo: Abril, 1983. 423 p.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. 461 p.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. 3ed. São Paulo: Nova Cultural, 1943. 229 p.
- SCHWAB FOUNDATION FOR SOCIAL ENTREPRENEURSHIP. **What is a social entrepreneur?** Disponível em: <<http://www.schwabfound.org/content/what-social-entrepreneur>>. Acesso em: 05 set. 2016.
- SHAW, E.; SHAW, J.; WILSON, M. **Unsung Entrepreneurs: Entrepreneurship for Social Gain**. 2. ed. Inglaterra: Barklays, 2002. 54 p.
- SILVA, M. F; MOURA, L. R; JUNQUEIRA, L. A. P. As Interfaces entre Empreendedorismo Social, Negócios Sociais e Redes Sociais no Campo Social. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 1, n 42, p. 121-130, 2015.
- SMALLBONE, D. et al. **Researching Social Enterprise: Final Report to the Small Business Service**. London: Centre For Enterprise And Economic Development Research, Middlesex University Business School, Middlesex University, 2001. 88 p.
- SOUSA, E. G. de; JUNIOR, V. M. V. Social enterprises in Brazil: socially produced knowledge versus social innovation. **Journal of Technology Management e Innovation**, Santiago, v. 8, 2013.
- SPITZECK, H.; BOECHAT, C.; LEÃO, S. F. Sustainability as a driver for innovation: towards a model of corporate social entrepreneurship at Odebrecht in Brazil. **Emerald Group Publishing Limited**, Reino Unido, v. 13, n.05, p. 613 – 625, 2013.

TAPINOS, J. P. Prefácio. In: SAY, Jean Baptiste. **Tratado da Economia política (1803)**. São Paulo: Victor Civita, 1971. 423 p.

TENÓRIO, F. G. (Re) Visitando o Conceito de Gestão Social. **Desenvolvimento em questão**, Ijuí, v. 3, n. 5, p. 101-124, 2005.

THE WHARTON SCHOOL. **Empreendedores sociais assumem o papel de agentes de mudança na sociedade**. 2005. Disponível em: <<https://www.knowledgeatwharton.com.br/article/empreendedores-sociais-assumem-o-papel-de-agentes-de-mudanca-na-sociedade/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

THOMPSON, J. L. The world of the social entrepreneur. **International Journal of Public Sector Management**, Huddersfield, v. 5, n. 15, p.412-431, 2002.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; CHIARA, I. G. di. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p.93-104, maio/ago. 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALE, G. V.; WILKINSON, J.; AMÂNCIO, R. Empreendedorismo, Inovação e Redes: uma nova abordagem. **Rev. RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 7, n.1, jan/jun 2008.

WADDOCK, S. A.; POST, J. E. Social Entrepreneurs and Catalytic Change. **Public Administration Review**, Boston, v. 51, n. 5, p.393-501, 03 jun. 1991.

WALLACE, S. L. Social Entrepreneurship: The role of social purpose enterprises in facilitating community economic development. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, 4, 2, pp.153-174, 1999.

WEERAWARDENA, J.; SULLIVANMORT, G. **Investigating social entrepreneurship: A multidimensional model**. **Journal of World Business**, v.41, n.1, 2006.

WOLFE, A. Três caminhos para o desenvolvimento: mercado, estado e sociedade civil. In: **A democracia como resposta**. Rio de Janeiro: IBASE, 1991. 35-63 p.

YOUNG, D.; LECY, J. Defining the universe of social enterprise: competing metaphors. **Andrew young school of policy studies research series**. New York, v. 12, n. 25, nov. 2012.

YUNUS, M. **Criando um negócio social:** como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 232 p.

YUNUS, M.; JOLIS, A. **O banqueiro dos pobres.** Ática, 2014. 343 p.

ZAHRA, S. A. et al. A typology of social entrepreneurs: motives, search processes and ethical challenges. **Journal of Business Venturing**, v. 24, n. 5, p. 519-532, Set. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário para delimitar perfil institucional

- 01 – Nome fantasia
- 02 – Razão social
- 03 – Número de funcionários
- 04 – Número de alunos
- 05 – Idade dos alunos atendidos
- 06 – Serviço prestado aos alunos
- 07 – Quantos e quais bairros atende
- 08 – Quantos e quais projetos estão em vigência
- 09 – Quantas empresas apoiadoras e tipo de apoio
- 10 – Fonte de renda
- 11 – Média do faturamento bruto anual
- 12 – Custo de cada estudante
- 13 – Natureza jurídica da instituição
- 14 – Como a empresa se enxerga e qual o seu posicionamento no mercado?

APÊNDICE B – Questionário para funcionários do setor de gestão

- 1 – Quantos anos trabalha na instituição?
- 2 – Qual cargo ocupa e quais já ocupou?
- 3 – Porque escolheu trabalhar no Bairro da Juventude?
- 4 – Atribui alguma diferença entre trabalhar em um empreendimento social e um empreendimento tradicional?
- 5 – Conte um pouco do que você já vivenciou na Instituição.
- 6 – O que o Bairro da Juventude representa na sua carreira profissional?
- 7 – Conte um pouco sobre a trajetória histórica da instituição.
- 8 – Como percebe a evolução da instituição?
- 9 – Como se dá a gestão, de forma descentralizada?

APÊNDICE C – Questionário para funcionários do setor psicossocial

- 1- Há quantos anos trabalha na instituição?
- 2- Quais cargos já ocupou?
- 3- Qual é o cenário de vulnerabilidade social das crianças assistidas pelo Bairro da Juventude?
- 4- Percebe evolução na criança após ingresso no Bairro da Juventude? Como?
- 5- Conte um pouco sobre a autoestima da criança da criança neste processo?
- 6- De que forma a participação no Bairro da Juventude melhora as relações familiares?
- 7- Qual é o papel do pai e da mãe dentro do Bairro da Juventude?
- 8- Os pais apoiam seus filhos?
- 9- Você percebe se o Bairro da Juventude gera transformação social? Quais?
- 10- Percebe se o transporte e a alimentação contribuem para a permanência da criança no Bairro da Juventude?
- 11- Como imagina que seria a cidade de Criciúma sem o Bairro da Juventude?

APÊNDICE D – Questionário para a família da criança assistida

- 1- Quantos filhos tem na instituição? Há quanto tempo?
- 2- Qual a idade da(s) criança(s)? Está(ão) em que ano escolar?
- 3- Utiliza quais dos serviços prestados pelo Bairro da Juventude?
- 4- Porque optou por matricular seu filho(a) no Bairro da Juventude?
- 5- A família está satisfeita com a escolha?
- 6- Percebe mudança no seu filho desde que ingressou no Bairro da Juventude? De que forma?
- 7- Atribui melhoras financeiras na família desde que o seu/sua filho(a) está no Bairro da Juventude? Se houve outras melhoras, conte quais foram?
- 8- O que o Bairro da Juventude significa para você e para sua família?

APÊNDICE E – Questionário para egressos do Bairro da Juventude

- 1- Quantos anos estudou no Bairro da Juventude?
- 2- Como foi a escolha para estudar no Bairro da Juventude?
- 3- Teve o apoio de toda a família para estudar na instituição?
- 4- Quantos anos está fora da instituição?
- 5- Quais atividades desenvolveu dentro da instituição?
- 6- Frequentou curso profissionalizante? Qual?
- 7- O curso contribuiu para sua carreira profissional?
- 8- Percebe se o Bairro da Juventude teve alguma influência na sua formação? Porque?
- 9- Se sente um jovem diferente dos demais jovens que não frequentaram o Bairro da Juventude? Porque?
- 10- Passou por alguma situação marcante dentro do Bairro da Juventude que queria compartilhar?
- 11- O que o Bairro da Juventude significa na sua vida?

